



(*Texto com revisão.*)

**A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS** – Senhoras e senhores, bom dia!

Pedimos que, a partir deste momento, mantenham os telefones celulares no modo silencioso.

Tem início a mesa-redonda Secretaria-Geral da Mesa: 80 anos de Institucionalidade e Memória.

O evento de hoje dá início a uma série de celebrações dedicada aos 80 anos da Secretaria-Geral da Mesa do Senado Federal.

Compõem o dispositivo desta mesa-redonda: o Sr. Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, Danilo Aguiar; o Sr. Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, no período de 1995 a 2007, Raimundo Carreiro, que participa deste encontro remotamente; a Sra. Secretária-Geral da Mesa do Senado Federal, no período de 2007 a 2014, Claudia Lyra; o Sr. Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, no período de 2014 a 2021, Luiz Fernando Bandeira; e o Sr. Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, no período de 2021 a 2025, Gustavo Sabóia.

Neste momento, eu passo a palavra à jornalista Isabela Dutra, que será responsável pela mediação deste encontro.

Desejamos a todos um excelente evento.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Bom dia a todos! Bom dia!

É uma enorme satisfação dar início ao primeiro evento comemorativo dos 80 anos da Secretaria-Geral da Mesa Diretora do Senado Federal.

Ao longo dessas oito décadas, a Secretaria acompanhou diferentes momentos da história do país, sempre com o mesmo compromisso: garantir o funcionamento seguro, técnico e institucional do processo Legislativo.

Para celebrar essa trajetória, pensamos em começar, de forma especial, com uma mesa redonda em formato de conversa, reunindo pessoas que viveram a Secretaria por dentro em diferentes épocas e que ajudaram a construir essa história.

Hoje teremos a oportunidade de ouvir lembranças, desafios, bastidores e também reflexões sobre o presente e o futuro. A ideia é que seja um bate-papo leve, espontâneo e cheio de boas histórias – contamos com vocês. Espero que também seja de grande riqueza para todos nós, que teremos a honra de ouvir pessoas tão importantes para a história da nossa instituição.

Para iniciar, vamos ouvir agora o atual Secretário-Geral da Mesa, Danilo Aguiar, que nos contará um pouquinho mais sobre o Projeto 80 Anos da SGM.

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Obrigado, Isabela.

Bom dia a todos os colegas, bom dia a todas as colegas.

Eu queria iniciar agradecendo a presença aqui destes ilustres colegas: Dr. Raimundo Carreiro, nosso decano aqui da Mesa, Claudia Lyra, Luiz Fernando Bandeira e Gustavo Sabóia.

Queria agradecer também à Isabela, que prontamente abraçou o projeto e está nos mediando aqui nesta mesa redonda; também aos colegas do Senado, da SGM e de outros setores também: aqui tem a nossa advocacia, o Flávio, o Paulo, também que vieram ouvir essas histórias. As minhas são repetidas – viu, Paulo? –, não vai ter muita coisa nova, são as que eu conto já na Consultoria há tantos anos.

Eu queria falar um pouquinho do Projeto de 80 Anos da SGM, que tem como marco inicial dos 80 anos não a criação da Secretaria, mas a nomeação do Secretário-Geral. Eu acho que isso muda completamente a perspectiva do projeto, porque ele passa a ser focado



nas pessoas, nas pessoas que fazem a SGM. Ele foi o primeiro a compor a SGM e hoje é um órgão gigantesco, formado por pessoas; pessoas vinculadas a esse compromisso, ao compromisso com o Senado Federal, ao compromisso com o processo Legislativo.

Então, a primeira coisa que avaliamos como norte do projeto é isto: centrado nas pessoas. O projeto está sendo feito de maneira mais participativa possível. Tentamos envolver o maior número de colegas. O grupo de trabalho deve ter umas 20 pessoas, e tem muito mais delas também na execução, no planejamento. Acho que isso tem a primeira marca do projeto dos 80 anos.

Na pessoa de três dessas pessoas, de três delas, que se dedicaram especialmente, que representam esse grupo tão grande de pessoas, a Sabrina, a Ludmila e a Lília... Eu queria pedir palmas para elas. (*Palmas.*)

Essas são três das tantas dezenas de pessoas envolvidas no projeto, são só, simbolicamente, essas três. E também, como centro, como a pessoa, o foco no servidor, como destinatário, como centro do projeto, a ideia é começar assim, com esta mesa redonda em que os ex-SGMs, parte deles, trazem sua memória, trazem suas histórias e compartilham, de colegas para colegas, o que é vivenciar um pouco essa Secretaria-Geral da Mesa 30 anos atrás, há 20 anos, há dez anos e hoje em dia. Então, acho que essa troca de experiências é um ótimo jeito de começar o projeto: pensando o passado, lembrando o passado, mas também mirando o futuro, mirando as perspectivas de uma SGM que vai vivenciar ainda muitos desafios, muita evolução. Então, acho que é muito feliz esse início do projeto.

Nesse sentido, também não queria deixar de mencionar aqui, apesar de a mesa ser composta por nós cinco, mas lembrar os outros SGMs, que também fizeram a história da SGM, desses 80 anos: o próprio Isaac Brown, claro, que é o decano que funda o nosso projeto dos 80 anos; a Dra. Sarah Abrahão, que foi SGM entre 1967 e 1980 – ela foi, de fato, a primeira formalmente nomeada como Secretária-Geral da Mesa; o Dr. Nerione Cardoso, ele foi SGM entre 1980 e 1990; Guido Carvalho, que foi SGM entre 1991 e 1992; e a Dra. Sara Figueiredo, que foi SGM entre 1993 e 1994. Esse evento também é para lembrá-los e homenageá-los.

Hoje é só o pontapé inicial do projeto. Vamos ter vários outros eventos, vamos ter eventos esportivos, vamos ter o lançamento de um regimento comemorativo, com fotos, com memórias do que foi a SGM, do que é a SGM. Vai ter também a festa de final do ano, vai ter uma sessão especial. Então, tem muitos projetos, todos envolvendo todos esses colegas, todo mundo trabalhando junto para ter um ano de celebrações.

E o foco é esse, ao final desse ano, termos uma identidade maior, sabermos que o servidor da SGM trabalha para o Senado, colabora com o Senado, mas tem esse espírito de equipe, de corpo, de ser uma categoria voltada para o processo legislativo, para essa atividade-fim que é o processo legislativo do Senado, essa responsabilidade que é contribuir com o processo e, por consequência, com a própria democracia brasileira. Eu acho que essa é a marca que vai... Ao final do ano, é esse objetivo que a gente quer conquistar.

Finalmente, vou fazer alguns agradecimentos: à Primeira-Secretaria, ao Fred e à Senadora Daniella; à Diretora-Geral, a Ilana Trombka; à Secretária de Comunicação Social, e agradeço especialmente à pessoa da Isabela, mas todo mundo colaborou, a RP colaborou muito... Então, é um projeto que foi abraçado pelo Senado, isso aí a gente tem de agradecer. E também ao Sindilegis, que está apoiando os outros eventos, a gente tem de também agradecer.

Quero desejar um ótimo evento e um ótimo ano para todos.



Então, muito obrigado. (*Palmas.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Vamos lá, então.

Para começar, eu queria voltar no tempo. Cada um de vocês chegou à Secretaria em momentos diferentes, contextos políticos e institucionais distintos.

Então, vamos começar com a nossa dama, Claudia.

Como foi o seu primeiro contato com a Secretaria-Geral da Mesa, quando você assumiu o cargo, e o que mais chamou a sua atenção naquele momento?

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Bom dia. Bom dia a todos nós.

Eu antes quero... Eu fiz conta. Ontem à noite, eu fiz conta. São 80 anos... Carreiro e eu chegamos na Secretaria da Mesa em 1991. Então, são 35 anos. Desses 80, são 35 anos que temos aqui de história, e fiz esta minha proporção, até vou colar aqui, eu fiz a proporção: 43,75% do tempo, ou seja, quase metade do tempo da existência da Secretaria da Mesa que está aqui. Eu achei isso muito importante.

Quando eu cheguei na Secretaria da Mesa – chegamos juntos, eu e o Carreiro, em maio de 1991 –, a primeira coisa que... Depois das falas do Presidente nos dando posse, ele perguntou: "Vocês querem falar?", e eu cheguei e falei assim: "Olha, assessor não fala, assessor cochicha". E o Carreiro também acho que não falou, eu não sei, acho que não falou. Eu digo que assessor cochicha. Então, o tempo todo as pessoas dizem: "Ah, você fica nervosa quando você está na...". É porque eu só cochicho, eu gosto de cochichar. Enfim, isso foi para fazer uma prévia.

Eu assumi em 2007... E tem uma coisa: quando eu cheguei, antes...

A gente pode conversar assim, não é? É um bate-papo?

**A SRA. ISABELA DUTRA** (*Fora do microfone.*) – Com certeza.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – É interessante. Em 1991, eu trabalhava na Taquigrafia, eu era taquígrafa, concursada, e o Presidente à época, o Senador Mauro Benevides, tinha um impasse no momento, e a Secretaria da Mesa era muito fechada. Nós não sabíamos o que acontecia na Casa. E ele me chamou... Meus colegas queriam que eu fosse Diretora da Taquigrafia, e eu disse: "Isso não vai dar certo". Fizeram abaixo-assinado, uma coisa, levaram para o Presidente, e eu disse: "Isso não vai dar certo, nunca deu", enfim. Aí, ele me chamou lá e eu disse: "Danei-me". O Presidente me chamou, aquela confusão toda, e foi aí que ele me chamou para a Secretaria-Geral da Mesa. E eu disse para ele: "Eu não sei nem onde fica, eu não sei o que faz, eu só sei fazer taquigrafia". "Não, mas vai dar certo", era o jeito dele. Aí, eu fui. Caí de paraquedas, esse é um fato, eu caí de paraquedas na Secretaria-Geral da Mesa. E, logicamente, as pessoas que estavam lá há muito mais tempo: "Meu Deus, quem é essa?". Mas eu fui, aos poucos, adorando o que eu fazia. O trabalho da Secretaria da Mesa realmente é encantador.

Quando o Carreiro foi para o TCU, depois de 12 anos como Secretário-Geral, eu entrei. Em 12 anos, eu era... Nós começamos como assessores, depois nós passamos, ele a Secretário-Geral e eu à Adjunta, era um trabalho muito próximo, mas eu costumo dizer: a parede que divide o Secretário-Geral e o Secretário-Geral Adjunto é muito grossa, é uma distância muito grande, apesar da convivência o tempo todo. E é um cargo muito solitário. Apesar de ter muita gente, é um cargo muito solitário, porque tem horas que você precisa tomar decisões que as pessoas não vão entender também.

Então, eu cheguei nesse momento e, logo em seguida, houve processos, todo mundo sabe, que passaram o ano todo de 2007, processos no Conselho de Ética, no Plenário, e foi um choque: já de cara pegando uma decisão tão... Momentos tão delicados no Senado, dentro do processo constitucional e do processo legislativo. Ao fim do ano... E foi um ano em que nós tivemos três Presidentes, então também foi um aprendizado – sempre um



aprendizado. Ao fim do ano, um amigo chegou para mim na Secretaria da Mesa, ele era servidor do Senado, e falou assim: "Cláudia, chegou o fim do ano, eu pensei que você não duraria dois meses". E eu disse para ele: "Eu também, eu também, mas estávamos ali...". Então, essa foi a minha chegada.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Carreiro, você me escuta? (*Pausa.*)

Sr. Raimundo Carreiro, você me escuta? (*Pausa.*)

Você me escuta?

Abra o microfone para conversar com a gente.

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** (*Por videoconferência.*) – Estou ouvindo.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Agora a gente quer saber do senhor. Conte aí para a gente o que mais te impressionou na chegada, quando assumiu essa função de Secretário-Geral da Mesa?

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** (*Por videoconferência.*) – Bom, para situar as pessoas, eu vou fazer um breve relato de como eu cheguei lá.

Eu trabalhei na Ata – naquela mesa que fica ali ao lado da Secretaria-Geral da Mesa, ali na mesa – de 1975 até 1991, então foram muitos anos ali.

É claro que eu não participava dos trabalhos da Secretaria da Mesa – como a Cláudia disse, com muita propriedade, é uma Secretaria muito fechada –, mas a gente se comunicava ali, e, no trabalho da Ata, você tinha que ouvir, anotar e depois ler tudo. O ritmo da Ata era esse.

Então, eu saí da Ata e fui para a Secretaria-Geral da Mesa, já como assessor da Mesa. O Guido tinha assumido a Secretaria-Geral e me convidou para eu assumir. Isto é importante vocês saberem, eu falei para o Guido: "Guido, vamos fazer o seguinte, você fala com o Presidente para me nomear os 120 dias e, se nesses 120 dias vocês gostarem do meu trabalho, eu fico, se vocês não gostarem, está encerrado o assunto". Aí, fomos. O Presidente era o Nelson Carneiro, o Senador Nelson Carneiro.

Bom, aí, passaram os 120 dias, chegou o prazo, e o Guido me falou: "E aí, Carreiro? Você vai continuar?", "Não, vocês é que vão dizer", "Não, você vai continuar. Está ótimo." e tal. Aí ele leva o ato para o Presidente. Ele me contou que o Presidente Nelson Carneiro: "E esse rapaz, que nomeia, desnomeia, nomeia de novo?". "Não, Presidente...". Aí, ele explicou lá tudo, e ele me nomeou de novo, já em definitivo. Por duas vezes, eu fui nomeado assessor da Mesa.

Bom, então, eu cheguei na Secretaria, uma instituição com a qual eu convivia no dia a dia. Não tinha aquele relacionamento direto com os funcionários da Secretaria, eu tinha com os funcionários da Mesa, que, na época, eram o Nerione, o Nerione Nunes Cardoso, o Guido, que era assessor da Mesa, o Luiz Paulo Feliciano de Lima e a Ione, que também era correspondente ao cargo que eu estava ocupando, que era de assistente da Secretaria-Geral da Mesa.

Bom, então eu cheguei – vamos dizer assim, sem nenhum fio de humildade –, eu tinha total conhecimento do trabalho que a Secretaria executava, do trabalho que eu fazia e do trabalho que o Senado executava. Então, não tive muita dificuldade de relacionamento, nem também no trabalho. Fiquei. Eu fazia o meu trabalho lá. Depois a Cláudia, como ela falou, entrou junto comigo; nós entramos juntos, em maio de 1991. E eu sempre gostei muito do processo legislativo. Minha vida toda, de 1975 até o dia em que eu saí, antecedendo os anos anteriores – eu entrei no Senado em 1968 –, foi sempre dentro, praticamente, do processo legislativo e, na prática, a partir de 1975. Então, eu não tive, assim, muita dificuldade.



Mas, depois, chegou o ano de 1993, mudou de Presidência, quem veio foi o Presidente Humberto Lucena, aí eu mudei de posição novamente, tive que sair da Secretaria-Geral da Mesa, fui ser Diretor das Comissões, e fiquei lá um ano e sete meses, exatamente um ano e sete meses. Eu fui em 1993, já no segundo semestre de 1993, e fiquei até o dia 1º de fevereiro de 1995, quando o Presidente Sarney se elegeu Presidente. E, aí, ele ainda tem que me explicar isso, porque eu não entendi até hoje, não compreendi, já perguntei a todas as pessoas do entorno dele como é que ele chegou ao meu nome. Apesar de a gente se conhecer – eu sempre gostei dele, ele gosta muito de mim – e de a gente ter um bom relacionamento, apesar do tempo que ele ficou fora, quando ele foi Presidente da República, depois, quando ele voltou, em 1995, eu não sabia como foi que ele chegou ao meu nome, mas tinha aquela rádio corredor, que é como a gente chama no Senado, que citava meu nome, dizia que seria eu o Secretário-Geral, aquela coisa toda. Bom, o certo é que, quando chegou o dia – a eleição foi no dia 1º de fevereiro, a eleição para Presidente, e foi uma eleição muito concorrida –, quando eu cheguei, cedo, à Secretaria das Comissões, o telefone tocou. Era o Presidente pedindo para eu ir ao gabinete. Eu fui. Cheguei lá, ele puxou a cadeira, sentou-se, mandou eu me sentar e disse assim: "Eu o chamei aqui para colaborar comigo na Secretaria-Geral da Mesa". Vocês sabem o que eu falei para o Presidente? (*Risos.*) Eu disse: "Estou preparado". Eu disse desse jeito para ele, né? Aí, tudo bem. Conversamos um pouco; mais ou menos, eu pedi alguma orientação a ele de como seria, e ele me explicou e tal.

Bom, aí eu voltei, e ele fez, vamos dizer assim, uma grande festa – e isso nunca tinha havido no Senado, realmente nunca tinha havido. Ele fez uma posse, ele deu posse lá no gabinete da Presidência, ali na sala de autoridade. Ele convidou todos os Senadores e fez uma grande festa lá, fizeram discurso – e eu não falei, como a Claudia falou –, teve muitos discursos lá, o Presidente falou e tal. Então, fomos muito prestigiados.

Bom, aí eu comecei o meu trabalho e, depois, vou dizer mais o que nós fizemos durante esse período.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Muito obrigada.

Bandeira, passando para você: teve algum momento nos primeiros dias que te marcou?

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Vários, vários, vários.

Bom... Antes de tudo, bom dia, Isabela. Bom dia aos meus queridos companheiros de mesa: Danilo, Claudia, Gustavo, em particular, meu querido amigo, o embaixador extraordinário e plenipotenciário – eu sei que ele adora esse título –, o Raimundo Carreiro. (*Risos.*)

Bom dia a todos vocês.

A minha entrada também foi... É sempre uma coisa meio tumultuada. Eu lembro até hoje... O meu primeiro contato com o SGM foi com o Carreiro. A primeira bronca que eu tomei no Senado foi dele. Eu tinha 24 anos, Consultor Legislativo recém-empossado, junto com o Danilo. Não sei se vocês sabem, nós somos colegas de turma de faculdade, viemos no mesmo avião fazer o concurso e fomos nomeados na mesma semana.

Logo no início, colocaram-me para trabalhar na CPI – acho que era do Banestado ou da Terra –, acho que era da Terra. A gente tinha recém-entrado no Senado, cheio de gás, cheio de vontade de ajudar, de colaborar e, em alguma determinada decisão lá da CPI, acho que eu estava querendo ajudar demais. E aí me chamam lá da Secretaria da Mesa, o Carreiro: "Oh, menino, você está pensando que é Senador?". (*Risos.*) Ele me deu uma enquadrada ali, e eu rapidamente entendi qual era o nosso papel. Esse foi o meu primeiro contato com a SGM. E aí, bom, depois disso, eu acabei indo para a Advocacia. Fui



Advogado-Geral durante um tempo, depois saí do Senado para o Ministério da Previdência, onde atuei como Consultor Jurídico, como Chefe de Gabinete do Ministro. Quando o Renan Calheiros, em 2014, assume a Presidência do Senado, ele pergunta aos colegas do PMDB quem poderia ser um Chefe de Gabinete da Presidência. Eu estava como Chefe de Gabinete do Ministério, com o Garibaldi, do PMDB também, e acabei voltando para o Senado. Nessa época, já não era mais o Carreiro; ele já estava no TCU, e Claudia Lyra era a Secretária-Geral. Pois bem, estou eu lá na residência oficial, despachando com o Presidente Renan sobre a agenda ou algo assim, e chega a Claudia, esbaforida, cheia de papel embaixo do braço – para variar, não é? Ainda hoje é assim. (*Risos.*) E Claudia vinha dizer ao Presidente: "É hoje o dia. É o limite. Eu tenho que sair hoje!". Porque ela ia se inscrever para uma candidatura a Deputada Federal. E aí o Presidente assina. Ele já estava sabendo do assunto, evidentemente. Ele assina lá a liberação da Claudia e pergunta para ela: "Claudia, mas a gente não pode ficar sem você. Como eu vou tocar ali a sessão? Quem é que vai ficar no seu lugar?". Aí Claudia vira para mim e diz assim: "Acho que eu tenho um bom nome aqui na minha frente". E foi desse jeito que eu acabei virando (*Risos.*) sem consulta prévia, sem preparo nenhum. Diferentemente do Carreiro, que estava preparado, eu não estava não. E aí, passei a acumular, fiquei acumulando um tempo: Chefe de Gabinete da Presidência com Secretária-Geral da Mesa. Logo depois que eu me libero da Chefia de Gabinete da Presidência, chega Vinicius Lages. Surge ainda um outro revés aqui no Senado, e eu acabo acumulando também com a Dger. E aí passo dez meses acumulando a SGM com a Dger.

Quando termina o mandato do Renan, ele pergunta: "Bandeira, você..." Enfim, foi reeleito, né? E eu o procuro: "Presidente, eu queria ser desonerado de um dos cargos", porque é terrível, a gente ali na mesa, assessorando uma PEC complicada, uma medida provisória cabeluda, e aí chega o Senador: "Cadê a reforma do meu banheiro?", "Cadê o estagiário que você me prometeu?". Juro! Esse é um caso real. (*Risos.*) Aconteceu muito. E aí eu acabei pedindo ao Presidente Renan para ficar somente na Secretaria Geral da Mesa, que é a minha verdadeira paixão.

Eu, realmente, apesar de não ser originalmente da carreira da Mesa, sou da Conleg, a área fim do Senado é a Secretaria da Mesa, ali, vivi muitas histórias. Teremos várias para contar aqui ao longo do dia.

Uma parte delas, inclusive esta da nomeação, está no livro *Por Trás da Mesa*, que o Fábio Liberal, aqui presente, também coordenou, e é um dos nossos filhotes mais queridos.

Mas vamos falar do resto da história mais para a frente. Não quero também ocupar o tempo demais, não.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Isso que eu ia falar: guarda essas (*Fora do microfone.*) histórias, porque tem muita coisa para contar.

Sabóia, conta para a gente, como foi a sua chegada? Dizem que o primeiro dia na Secretaria-Geral da Mesa a gente nunca entende direito o que está acontecendo. É assim?

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – É assim, e talvez no meu caso tenha sido um pouco mais.

Voltando um pouco, primeiro quero cumprimentar o Danilo pela iniciativa, que é brilhante, de comemorar os 80 anos da Secretaria-Geral da Mesa à altura da história da instituição, da história da Secretaria; cumprimentar a equipe, a Ludmila, a Sabrina, que ele mencionou também, a Lília, que estão tocando esse projeto, porque o que faz a Secretaria-Geral da Mesa são as pessoas e a memória.

Antes de entrar aqui, nós comentávamos... A Dra. Claudia comentava que já tinha exercido cargos em outros lugares; Dr. Bandeira é nosso ex-Conselheiro do CNMP, do



CNJ; hoje estou no CNMP, já fui chefe de assessoria de Ministro. Mas o Senado é um lugar que se diferencia por vários motivos, e esse aqui é um deles: a história. Tudo que se faz aqui tem, por baixo, 200 anos de história. Todos os procedimentos, os costumes, e isso dá um significado muito relevante, celebrar isso é muito importante. Então cumprimento aqui o Danilo e os servidores pela iniciativa.

No meu caso, meu primeiro contato com a Secretaria-Geral da Mesa foi com a Dra. Claudia, no dia da posse. Nós tomamos posse aqui na Diretoria-Geral, fomos lá na Secretaria-Geral da Mesa, analistas recém-empossados, e a Dra. Claudia teve a missão – acho eu um tanto ingrata – de olhar para a cara da gente e resolver para onde cada um ia trabalhar com base na análise perfunctória de currículo e de rostos. (*Risos.*)

Enfim, como é a vida: a Dra. Claudia, de forma muito competente, alocou os servidores dessa forma e me colocou para trabalhar, na época, na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa. E, desde lá, foi um aprendizado.

Mas como é o Congresso? O Congresso é caótico, acho que é isso que nos apaixona, o que nos transforma. Meu pai foi Consultor da Câmara por 37 anos, hoje está no Senado, e disse que é uma espécie de cachaça: o pessoal não consegue mais largar isso aqui, essa adrenalina, essa vida que existe aqui.

E lembro que tomei posse, comecei a trabalhar na CDH e comentei com meu pai no período de recesso branco: "Pai, isso aqui é bom demais, não se trabalha. Isso aqui é tranquilo". Ele falou: "Gustavo, o carro vai de zero a 100 em três segundos. (*Risos.*) Não duvide, não subestime". E quando voltou o período de esforço concentrado, eu lembro que a gente fazia audiência pública que começava às 9h da manhã e terminava às 20h da noite. No outro dia, às 9h da manhã, a gente estava lá de novo.

Encurtando a história, eu fiquei lá pouco tempo, fui para a Secretaria de Comissões Mistas, trabalhar nas recém-instaladas Comissões Mistas de Medida Provisória, também uma outra demanda muito intensa, e lá fiquei. Depois fui para Gabinete de Liderança Partidária, na época, a Liderança do Democratas, fiquei quatro anos trabalhando lá com processo legislativo, como chefe da assessoria legislativa. Saí, fiquei um ano e meio sendo chefe da assessoria do então Ministro de Infraestrutura. Fui aprovado para o mestrado no exterior, na NYU, e quando ia começar o mestrado, veio a pandemia. Com a pandemia, adiei o mestrado, mas voltei para o Senado e fiquei na assessoria da Presidência, o Presidente Davi acolheu-me e permitiu-me ficar por lá como assessor especial, tocando projetos específicos de interesse da Presidência. Alguns desses projetos de interesse, na época, do então Senador Rodrigo Pacheco, de quem me aproximei.

Mas o meu plano ainda era fazer o mestrado, fazer o LLM na NYU. No último dia que eu tinha... – o Presidente Rodrigo vira Presidente –, mas, no último dia que eu tinha para decidir se eu – eu já tinha até começado a cursar algumas matérias remotamente na NYU – ia desistir ou não do curso, enfim, com algum nível de prerrogativa de algum dia retomar o curso, o Presidente Rodrigo me chama e me faz o convite, mais ou menos dessa forma como todos descreveram.

A gente nunca entende direito de onde veio o nosso nome, de onde veio a ideia, enfim. Mas, no meu caso, eu tinha uma relação com ele já de confiança. Ele me faz o convite e eu assumo. E levaram-se umas duas semanas até eu assumir a Secretaria, de fato, mas, na semana subsequente... Eu vinha acompanhando, na Presidência, temas específicos e muito ligados ao mérito dos temas, enfim, determinados projetos de lei, determinadas propostas de que eu vinha acompanhando o mérito, e não vinha acompanhando o processo legislativo de exceção que tinha sido criado durante a pandemia. E aí, um dia, o... (*Risos.*)



A gente sabe que o Regimento escrito já tem, assim... a letra do Regimento já tem suas exceções em relação à realidade, mas, na pandemia, por razões óbvias – e aqui, obviamente, não falo isso sugerindo qualquer tipo de demérito –, adaptações foram feitas, foram necessárias, enfim. E o então... Na época ele era Diretor Jurídico da Presidência, Alexandre Silveira, vira para mim e fala assim: "Sabóia, vamos dar uma volta ali no *bunker*" – porque, enfim, a circulação no Senado era muito restrita e eu sequer tinha ido ao *bunker*. Vamos dar uma volta ali no *bunker* para ver como é que... Para a gente dar uma olhada e tal". Então, vamos lá.

Foi num dia fatídico – vou tomar muito cuidado com a forma com a qual eu vou falar sobre esse dia para não melindrar ninguém –, em que um então Ministro das Relações Exteriores estava aqui no Senado. À época, era uma espécie de audiência pública, enfim, no *bunker*, e um assessor dele teria feito um gesto – não sei se obsceno ou com algum significado negativo – e teria aparecido na câmera.

O que eu sei é que eu chego no *bunker* e já penso assim: "É um negócio diferente, um processo legislativo diferente". Vejo aquela confusão: polícia para um lado, o sujeito saindo 'semipreso' – eu não sei que instituto jurídico é aquele –, detido (*Risos.*)

para o outro. E eu pensei: "Meu Deus, no que eu fui me meter?". (*Risos.*)

E aí aquelas dúvidas: "Mas é prisão em flagrante? Não é? O que faz? Fica detido e tal?". E eu falei: "Meu Deus do céu!". Tudo, menos tédio; fortes emoções. Mas foi ótimo, enfim, um começo também ali no primeiro dia no *bunker*; um pouco de adaptação. A verdade também é que o processo legislativo no *bunker* era muito mais simples do que o processo legislativo ordinário, em que pese fosse diferente, mas a equipe, enfim, toda a estrutura que já vinha montada de outros tempos muito ajudou. E, óbvio, o relacionamento que a gente tinha na Casa, as pessoas que a gente conhecia também ajudaram muito nessa adaptação.

E, como os outros, vou deixar as outras histórias mais para a frente, para as próximas rodadas de perguntas.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Obrigada, Sabóia.

Vamos seguir em frente, então, e falar agora sobre bastidores, aquela parte que ninguém vê. Quando a gente transmite as sessões pela TV, pela rádio, só aparece uma parte do que está realmente acontecendo, não é? Existe um trabalho enorme nos bastidores, principalmente de decisões. Vocês sabem bem disso.

Daniilo, qual é o momento mais tenso de uma sessão?

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Para mim, são todos. (*Risos.*)

Eu tento manter alguma calma ali. Acho que quem vê de longe acha que estou tranquilo, mas é tensão o tempo todo.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Sempre.

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Na operação ali das votações, da abertura de votação, eu fico o tempo todo concentrado, porque, tocou em um botão errado, aquilo ali pode desandar e atrapalhar ali o processo.

Então, a nossa ideia é que o processo flua com tranquilidade, para que as coisas... a gente nem apareça. Acho que é uma frase que sempre o Sabóia usava: o bom é quando o juiz não aparece. Então, se a gente não precisar intervir muito, melhor.

Mas, nos momentos assim... a votação em si é tensa, ou então o surgimento de alguma questão procedimental ali, ou uma questão de ordem, ou a necessidade de algum ajuste em tempo real, seja porque é uma emenda, seja uma adequação redacional, esse tipo de coisa é o mais tenso, porque a gente precisa ter a ciência antes, para orientar o



Presidente, e esse trânsito com os assessores facilita muito, e o trabalho também da minha turma atrás: o Ivan, a Sabrina, o Zé. Então, a gente vai trabalhando...

Hoje, é muito mais – acho que falaram do isolamento –, hoje é muito mais compartilhado, até por conta das ferramentas de comunicação ali; a gente não fica tão solto, dá para olhar no celular e ver um recado, alguém chega no ouvido, então, isso alivia um pouquinho a tensão... E a atuação do Presidente.

Eu tenho experiência só com um Presidente, então, assim, a forma como ele lida até facilita a nossa vida, porque ele é uma pessoa leve e tal, que vai levando aquilo daquele jeito, com uma habilidade enorme e um carinho que ele tem dos Senadores, então, isso aí também ajuda a distensionar, o estilo dele. Então, por enquanto, é como eu estou vendo neste ano. Neste ano eu estou... (*Risos.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Certo, obrigada.

Claudia, já teve alguma situação totalmente inesperada, em que você teve que tomar uma decisão rápida, imediata, muito, muito inesperada?

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Ah, sim, com certeza. Algumas, algumas. (*Risos.*)

Uma delas foi... Ali, lá de cima, a gente tem uma visão privilegiada do que está acontecendo no Plenário – era o Presidente Sarney nessa época –, e estava um embate, uma coisa bem tensa, né. E aí, eu olho para o Plenário – e aqui é assim mesmo, aqui de cima – e vejo ali, era o PFL, na época, e aí eu vejo... Eu olho assim e eu vi o Presidente!? Por que será que o PFL está todo reunido ali no fundo do Plenário? E o PFL estava no meio do embate, lógico. E aí, ele olhou... Eles são... A gente aprende muito, porque eles são muito ligeiros no pensamento, eles têm uma visão enorme, né. Aí, ele deve ter feito algum pensamento dele: "Me chame fulano".

E eu disse: "Eu não posso sair daqui, Presidente. Vai ficar parecendo que o senhor me mandou lá." Aí, eu pego o adjunto, José Roberto. Cadê? Já foi? (*Pausa.*)

Ali. "Zé [sempre presente], Zé, vai lá e chama fulano..." Aí, foi lá e tudo, e, por uma magia, a questão acabou se resolvendo. Muitas coisas devem ter acontecido, mas acabou acontecendo. E esse é um dos fatos; tem outros que acontecem mesmo fora, até porque estamos...

A CPI da Petrobras. A CPI da Petrobras que não acontecia... Já tinha acontecido a CPI dos Bingos, que foi para o Supremo, enfim; o Supremo determinou a designação dos membros, mas, enfim, e era a da CPI da Petrobras e, que, logicamente, tinha esse embate também.

Aí, numa sessão de uma quinta-feira, só tinham três Senadores em Plenário – eram quatro, mas só tinham três – e estavam esperando vir o documento para poder ler o requerimento da CPI, vinha de outro lugar. Só tinha quem estava presidindo e dois no Plenário. Iam se revezando na palavra, para cá e para lá, cada um falando com um dos dispositivos do Regimento e fazendo hora, claro, para o papel chegar, para o documento chegar, e não chegava.

Quem estava presidindo disse: "E agora?" Eu disse: "Bom, eles já usaram todos os dispositivos do Regimento possíveis para usar da palavra e nós só temos três em Plenário; é o Regimento". "Pois eu vou encerrar a sessão". E encerrou, mas foi um quiprocó horrível, porque o papel não chegou. E aí, o meu rosto apareceu. Foi um assunto que eu tive que resolver ali. Era o que tinha.

E, depois, nessa mesma CPI foram designados os membros. No dia seguinte foi lido o requerimento, foram designados os membros, mas acontece que não dava quórum para iniciar, porque antes era maioria absoluta para começar uma reunião de Comissão. E não



dava quórum, logicamente o Governo não dava quórum. E não dava quórum, não dava quórum, não dava quórum, e um Senador, o tempo todo, questionando o Presidente por que não dava. Enfim, aquele embate. Bom, tem que ter uma solução isso, o Presidente não pode ficar acuado dentro disso. Eu fui ler a CPI dos Bingos, a decisão, o acórdão do Supremo, para ver o que é que tinha. E o adjunto também disse: "Vamos encontrar alguma solução aqui". No meio de um dos votos, não era o do Relator, havia uma tese de que – logicamente CPI é um direito de minoria – tinha que ser resguardado esse direito até a instalação da CPI. Fechei.

Passsei a noite lendo, estudando. De manhã cedo, marquei tudo e fui à residência oficial e deixei lá, porque era muito cedo. Deixei lá e telefonei para o Presidente, falei e tal. E depois, então, foi assim que foi resolvido. Por quê? Ele determinou que a Comissão, a CPI fosse instalada com qualquer número para poder resguardar o direito da minoria. Daí para a frente era voto, era outra história, mas foi assim que a CPI foi instalada.

Então, são momentos de tensão. Surge a situação e a gente tem que ser criativo. Acho que é a palavra que a gente tem que ter o tempo todo: inspiração, sempre, de onde vier a inspiração, e criatividade.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Sempre.

Obrigada, Claudia.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – A gente tem um monte de outros, mas vamos ficar por aqui.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Sim, sim.

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – Posso aproveitar esse tópico, porque esse tópico é muito bom...

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Pode ir! (*Risos.*)

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – ... de decisões que você tem que tomar na hora...

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Com certeza!

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – ... sem uma base legislativa ou regimental preexistente. É um tópico sobre o qual, se me permitem a sugestão, todos deveriam se manifestar, porque cada um, tenho certeza, vai ter uma história muito boa.

Eu vou contar uma minha, confiando na minha condição de servidor licenciado – porque talvez eu não possa sofrer PAD, por conta da decisão tomada. (*Risos.*)

Mas, lá na época da gestão do Dr. Bandeira, criou-se a dinâmica, a emenda regimental dos destaques, como se tem na Câmara, enfim, destaque para votação em separado. E, toda vez que você muda uma engrenazinha de lugar em um sistema que funciona há 200 anos, o resto das engrenagens tem que se acomodar de alguma forma.

Pois bem, estávamos lá em uma dessas votações, eu já como Secretário-Geral – era um projeto de lei complementar de que não vou me recordar, ou, se me recordar, não vou dizer qual era –, que teve uma série de destaques, um projeto de lei muito polêmico. E começou a surgir a dúvida – na Câmara essa dinâmica era bem estabelecida – de quem tem que colocar os 41 votos. Se é o "sim", se é o "não", se é o texto que está destacado, se é a emenda, uma confusão dessa.

E era um período de volta ao semipresencial, enfim, tinha ainda um processo legislativo meio híbrido funcionando. E nós estávamos tentando – acho que foi o Danilo que mencionou bem –, nessa interface com as assessorias dos gabinetes, que muito nos ajudam a conduzir os trabalhos na Mesa – explicar quem vota "sim", quem vota "não"; quem vota "não" vota "sim"; quem vota "sim" vota "não". (*Risos.*)



Enfim, estava lá o destaque indo à votação, e a compreensão da Mesa era de que o Governo... quem era a favor tinha que colocar os 41 votos "sim".

Abre-se o painel. Perfeito, só que o contrário! Quem votou "não" votou "sim"; quem votou "sim" votou "não". (*Risos.*)

Eu olho para a Sabrina, olho para o Ivan, olho para o... Cadê o Zé Roberto? Igual a Dra. Claudia fez: "Cadê o Zé Roberto?" Alguém dá uma solução! (*Risos.*)

O Presidente Rodrigo olha para mim e diz: "O que foi, Saboya? O que está havendo?" Eu disse: Presidente, está ao contrário!

Aí o Senador Anastasia ouviu e disse: Saboya, "*pas de nullité sans grief*, não existe nulidade sem dano. Registre a votação e vamos embora". (*Risos.*)

Mas é o tipo de decisão que, às vezes, a gente tem que tomar, porque o processo legislativo é muito complexo, tem ficado cada vez mais complexa essa dinâmica de destaques, de, enfim, emendas de redação, emendas que surgem na última hora, ajustes redacionais. O Danilo sofreu muito com a gente na Secretaria-Geral da Mesa – na época em ele era Consultor-Geral –, porque você tem que definir uma redação ali que não pode, às vezes, tocar o mérito, mas tem que resolver uma dúvida que se tem em relação à interpretação de um determinado dispositivo.

Eu acho que esse é o maior desafio do Secretário-Geral, essa capacidade de tomar uma decisão rápida – que certamente não será perfeita, porque é uma decisão em que, normalmente, ainda mais essas mais importantes, não se vai ter tempo para refletir –, mas tem que ser uma decisão razoável.

E acho que todos nós aqui passamos por situações dessas.

Deixo aqui minha contribuição.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – É muito desafiador, não é?

Dr. Carreiro, o senhor lembra de alguma sessão em que o senhor tenha pensado assim: "essa vai entrar para a história?"

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** (*Por videoconferência.*) – Bom. Vamos lá, vou voltar um pouquinho para o que meus colegas falaram sobre o momento em que a gente vai para a sessão.

O período em que fiquei, os 12 anos em que fiquei, foram períodos todos tumultuados, de muita polêmica política, muito acirramento entre o Governo e a Oposição.

Não teve período bom, tanto que eu dizia para... O que eu falava aos meus colegas lá da Secretaria da Mesa, quando eu ia para o Plenário? Dependendo do dia, que a gente já sabia que seria um dia mais tumultuado, eu dizia para os meus colegas: "Olha, tchau, eu estou indo para o Plenário como Secretário-Geral, não sei se volto Secretário-Geral". (*Risos.*) Essa era a minha despedida todos os dias, que eu falava para meus colegas; para você ver o que pode surgir dali. Como o Sabóia falou: "O carro pode sair a 10km e em minutos chegar a 100km", e é isso mesmo que acontece ali.

Deixe-me fazer um pequeno comentário, para não perder a oportunidade, depois eu sigo à resposta. Sobre essa questão do destaque, Sabóia... (*Risos.*) ... é um dispositivo que tem no Regimento e, na minha época, eu falei para o Presidente: "Isso aqui não se vai usar, porque isso aqui só dá confusão e ninguém entende nada, nenhum Senador entende, até a Mesa – nós aqui – às vezes tem dificuldade", que era o destaque para a rejeição: tem os destaques comuns, para você votar um dispositivo em separado, e tem o destaque para a rejeição, que é o inverso, o "sim" é "não" e o "não" é "sim". Como é que o Senador vai entender isso? Não tem como entender, o que me parece que foi o caso que o Sabóia relatou.



Era um dispositivo que eu questionava: "Por que isso existe no Regimento?". A gente não tinha um histórico para saber como surgiu aquilo, mas tinha... Eu não sei qual reforma foi feita, que o Bandeira falou, que foi um destaque em que, inclusive, esse mesmo problema aconteceu... Que mexeu na engrenagem no tempo do *impeachment*, que também teve esse problema, que o Senador Ronaldo Caiado também estava votando num sentido e tal e depois o Bandeira teve que dizer: "Não, isso aqui foi modificado e o senhor foi o autor da proposição na época". Bom, foi mais ou menos isso.

Então, o destaque para a rejeição é uma das matérias do processo legislativo mais complicadas que eu já encontrei, porque o processo legislativo se destina à transparência e à participação de todos, e os Senadores não conseguem entender; não conseguem entender que quem vota "não" está de acordo, quem vota "sim" é contra. É isso.

Mas, então, sobre a questão da primeira pergunta que você fez, daquelas coisas que surgem de repente, no meu período aconteceram várias porque eu fiquei muito tempo, fiquei um período muito grande, mas eu me lembro de um em que eu não fiquei com os pés no chão, eu fiquei no ar. Tinha sido convocada uma sessão no dia anterior, uma sessão extraordinária para o dia seguinte, para as 10h, que era para votar uma matéria em que o Governo tinha muito interesse. Aí chegaram as 10h, toca a campainha, toca, toca... Vamos começar a sessão: não tinha Presidente, não tinha Vice-Presidente, só estava o Terceiro-Secretário. Aí chamei o Terceiro-Secretário, abrimos a sessão, e aí começou discurso e tal. Aí o Senador – eu posso citar o nome dele porque ele já faleceu e foi muito meu amigo depois – Josaphat Marinho levantou uma questão de ordem sobre o procedimento da sessão, que a sessão não devia continuar... Ele arrumou um argumento de que não devia continuar por "não sei o quê", inventou lá.

E, quando o Senador Josaphat Marinho falava – pronto –, o mundo parava. Todo mundo respeitava, os Senadores todos respeitavam o que o Senador Josaphat Marinho dizia. É claro que eu não estava concordando com aquilo ali, mas o que eu vou fazer?

Aí, o Presidente, que estava presidindo a sessão, sem me consultar e sem falar nada de "como é isto aqui?", não, depois que o Josaphat Marinho falou, falou: "Está encerrada a sessão". Ah, meu amigo, pronto. Foi um...

Aí, vieram os Líderes em cima de mim e falaram assim – te botar num jiqui, assim, te botar aqui no meio –: "Você tem que resolver; isso é coisa do Presidente Sarney, que está por trás disso aí". "Senadores, o Presidente não está nem sabendo disso; ele está em casa, não veio para a sessão e não está sabendo disso." "Ah, mas você tem que resolver, porque tem que se fazer a sessão e tudo."

Eu peguei o telefone e liguei para o Presidente: "Olha, Presidente, aconteceu isso e tal. Posso convocar outra sessão?". "Pode." Pronto. Aí, chamei lá o Senador, convocamos a sessão pelo Din-Don e, aí, voltamos; mas foi, realmente, um momento para mim muito difícil. Acho que naquele dia eu perdi um bocado de cabelo, porque eles me deram um acocho muito grande.

Então, isso aí acontece sempre. A sessão está indo tranquila, e, quando você dá fé, cria-se um problema; e aí você tem que arrumar uma solução, como a Claudia acabou de falar, e você tem que ser criativo, para trazer uma solução que satisfaça a todos, ou não satisfaça, mas que, pelo menos, convença uma parte de que aquela decisão que o Presidente está tomando está correta e que os trabalhos podem prosseguir.

Então, é isso; mas, sim, vamos lá. Depois eu falo das outras coisas que eu tenho mais para falar.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Está certo, muito obrigada.



Bandeira, você passou por muitos momentos históricos, mas teve uma noite em que você tenha pensado assim: "Esta sessão não vai acabar nunca?".

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Ah, teve.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** *(Fora do microfone.)* – A maior sessão, a mais longa...

*(Intervenção fora do microfone.) (Risos.)*

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Menino, estão gravando isso!

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** *(Fora do microfone.)* – Ainda bem que não sou só eu, viu? Estou bem-acompanhada!

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – O Danilo fica desligando o botãozinho aqui – é um negócio pequenininho. *(Risos.)*

Então, a sessão mais longa, dos tempos ainda em que a gente ficava em pé... Porque esta turma nova – né, Claudia? Hein, Carreiro? – fica sentadinha e bacaninha lá, mas o Carreiro, a Claudia e eu ficávamos em pé.

A mais longa de todas, que, aliás, virou livro com este título, a sessão de 20 horas – *20 Horas na História* –, foi a sessão da admissibilidade do *impeachment* de Dilma, em que varamos pela madrugada. Sem dúvida, foi uma das sessões mais longas, que parecia que não ia terminar nunca. Vários de nós estivemos presentes, de diversas formas, naquela sessão.

Mas não foi a mais difícil, do ponto de vista de tensão; foi a mais longa. Em tensão, geralmente – acho que todos vão concordar comigo –, as piores são as do Congresso Nacional. Meu Deus! *(Risos.)*

*(Intervenção fora do microfone.)*

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Pois é!

Porque a gente trabalha com um cenário de 81 Senadores, ordinariamente, em que, geralmente, é até amistoso o clima; é uma coisa de um certo cavalheirismo – eu diria – entre os Senadores. Na Câmara, o buraco é mais embaixo; então, é dedo no olho, é briga...

Eu já vi, várias vezes, Deputado fotografar a lista de inscrição, com medo de ser "bypassado", de ser pulado e, como a gente tinha que pular mesmo, porque era a ordem do Presidente, eu já ia abrindo várias listas de inscrição, uma do lado da outra: "Isso aqui é pela liderança, isso aqui é pelo não sei o quê, isso aqui é orador inscrito"... E depois entrava nome no meio, entre um e outro, era uma confusão.

Essas, em geral... *(Fora do microfone.)*

*(Interrupção do som.)*

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** *(Fora do microfone.)* – A culpa é do microfone, estão vendo? *(Risos.)*

A culpa não é do Danilo. *(Risos.)*

Agora foi. O problema não era o Danilo, não; o microfone é que fica desligando.

Mas, talvez, o bastidor mais quente, mais difícil... Eu estava na dúvida se eu contava ou não, Isabela.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Lógico!

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – É porque está todo mundo vivo, está todo mundo por aqui ainda. *(Risos.)*



**A SRA. ISABELA DUTRA** – Do lado de uma jornalista: "Não vou contar, não".

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Mas eu acho que só tem graça se a gente contar essas coisas polêmicas, então vou contar essa história. Para mim, foi o cenário mais tenso, sem dúvida nenhuma.

Dia 1º de fevereiro de 2019, na eleição em que Davi Alcolumbre se contrapôs a Renan Calheiros, saiu vencedor no dia seguinte. Mas aquele momento foi muito tenso, porque, como regra geral – acho que vocês vão convir conosco –, o Secretário-Geral, assim como qualquer outro servidor do Senado, não é ator do processo político. Nós somos auxiliares do processo político, estamos ali do lado, somos testemunhas.

O nosso trabalho principal, se fosse resumir em uma frase, é garantir os direitos de minoria, permitindo que a maioria possa se expressar. Então, acho que existe um *timing*, ao longo da sessão, em que você tem que garantir o direito de obstrução, da minoria, etc. e tal, mas tem uma hora em que você tem que garantir que a maioria se expresse. E essa decisão é dos Parlamentares, que foram eleitos para aquilo ali. Pois bem.

Existem momentos em que nós somos chamados a tomar posições que afetam o mérito da deliberação, e isso é particularmente tenso quando a briga entre os Senadores de diferentes grupos se evidencia a um ponto em que você tem que agir. Naquele caso concreto...

Vou gastar três, cinco minutinhos. Cinco.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Fique à vontade, todo mundo quer saber.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Eu tenho que voltar para outubro de 2018.

Eu tinha uma relação maravilhosa com o Davi Alcolumbre. Desde que tomou posse, ele ia ao meu gabinete frequentemente conversar, trocar ideia e tal. E, em outubro de 2018, ele era candidato a Governador do Amapá, não foi eleito e eu telefonei para ele: "Senador, o Amapá já votou melhor, etc. e tal, mas eu tenho uma boa notícia para lhe dar". Ele: "Qual é, Bandeira?". "O senhor vai dar posse e conduzir a eleição do próximo Presidente do Senado". Ele: "Como assim? Por quê?". Isso porque já tinha saído o resultado do primeiro turno, a Mesa tinha sido dizimada, não havia nenhum dos membros titulares da Mesa que iria continuar no mandato de Senador. E só sobrou o Terceiro-Suplente, que era o Davi Alcolumbre. Aí ele: "Tá bom, espera aí, daqui a pouco eu te ligo de novo", com aquele jeito dele, meio afobado.

Então, em 20 minutos, ele liga de novo: "Bandeira, me explica de novo essa história". Eu conto a história toda: "Então, na Mesa não tem mais ninguém. Ainda tem, mas em fevereiro não vai ter mais ninguém, e só vai ter o senhor para dar posse e conduzir a eleição". Ele falou assim mesmo, em outubro de 2018: "Pois anote aí, Bandeira, eu vou dar posse, vou presidir, vou ser candidato e vou ser eleito Presidente do Senado". E eu pensei: "Pronto, criei um monstro". (*Risos.*)

Mas, até então... O Davi é um pouco fanfarrão, ele é um brincalhão, e eu pensei assim: "Não, isso aqui vai se resolver ao longo do processo". Mas eis que não se resolveu. Davi sentiu crescer a candidatura e, do outro lado, você tinha a candidatura do Renan Calheiros, com quem eu tenho uma excelente relação. Foi o Presidente que, na verdade, me nomeou Secretário-Geral, com quem tenho uma relação conhecida.

E, de repente, vejo, às vésperas da eleição, os dois vão brigar, estando Davi na Presidência. Eu o procuro e digo: "Mas, Senador, perceba, o senhor vai, ao mesmo tempo, ser o Presidente da sessão e candidato?". Na época, era como se a Rosa Weber, que estava no TSE, se candidatasse à Presidência da República. Não vai dar! Ele disse: "Não, Bandeira, mas a eleição, o processo... A candidatura surge ao longo da sessão". Já



imaginei, já estou vendo que vai aprontar, vai querer alguma questão de ordem para bagunçar o processo etc. E, de fato, quem conhece a história viu aquela sessão.

Pois bem, e aí, a pressão foi para cima de mim, porque Eunício Oliveira, também Presidente, terminou o mandato dele e já não estava mais lá. Ele veio: "Bandeira, vai deixar isso acontecer?". Que diabo eu podia fazer para resolver uma situação dessa? Acabou que, por consciência ou por achar que era a melhor forma, eu inventei um edital, nos moldes que a Secretaria-Geral da Mesa da Câmara faz na Câmara...

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** (*Fora do microfone.*) – Que tem até hoje. É tradição.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Exato. (*Risos.*)

Até então, não tinha havido, não é, Carreiro? Não tinha edital de Presidência do Senado.

Mas por quê? Só tinha uma regra ali que interessava de fato: era dizer que as candidaturas tinham que ser registradas perante a mesa uma hora antes da sessão, igualzinho a Câmara faz – a Câmara dos Deputados faz assim –, porque tinha uma consequência lógica. Se você for candidato previamente registrado, você não pode presidir os trabalhos. Fatalmente seria isso. E aí eu procuro o Davi, na véspera dessa sessão, para avisar a ele. É uma questão de lealdade, e avisei. Renan e Davi sabiam disso. No dia seguinte, quando sai publicado o diário, o tal do edital, o Davi me liga uma, duas, três, quatro... Acho que, lá pela oitava vez, eu o atendo. Aí ele diz: "Bandeira, você publicou o ato". "Senador, eu disse ao senhor que eu ia fazer. Não tinha como fazer diferente. Não dava para o senhor estar nos dois, bater o escanteio e cabecear." Aí ele disse: "Mas e agora?". "Bom, eu fiz a minha parte, mas eu entendo que o jogo político não é comigo. O senhor quer mesmo ir para a frente? Vai enfrentar essa confusão?" Ele disse: "Vou, claro". "Então, faça o seguinte: o senhor revoga meu edital, me exonera e toca o pau." "E como é que eu faço isso?" "Já está pronto o ato. Vou mandar para a sua casa agora." Não sei se ele está aqui, mas foi o João Marcelo que levou o ato às mãos do Davi. Ele assinou, na hora, as duas coisas: me demitiu, revogou o edital e foi para o pau. O resto da história vocês já sabem. Eu me escondi na Consultoria Legislativa, na sala do Danilo, durante aquele dia tenso para caramba. E, para piorar, naquela madrugada, naquela noite...A sessão não terminou. Suspendeu-se a sessão. Davi nem foi ao banheiro. De madrugada, o Presidente do Supremo dá uma liminar dizendo o óbvio, que o candidato não podia presidir. José Maranhão assume como o mais idoso, torna sem efeito minha demissão, e eu volto para a Secretaria-Geral da Mesa. Mas piora ainda mais, porque, naquela sessão em que a gente finalmente faz a votação, aparecem 82 votos. Todo mundo sacaneava dizendo que era o meu voto. (*Risos.*)

(*Intervenção fora do microfone.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** (*Fora do microfone.*) – E não era, não?

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Não, não era o meu voto, não era o meu. (*Risos.*)

Enfim, esse, possivelmente, foi o momento mais tenso da minha passagem como Secretário-Geral, que, graças a Deus, terminou bem, porque eu acabei ficando, nos dois anos, com o Davi. Eu lembro que, quando ele senta, já eleito Presidente, na cadeira, eu boto o microfone na lapela dele e pergunto: "Presidente, eu estou no sal, não estou?". Ele olha para minha cara assim e diz: "Depois, a gente conversa". Nem teve essa conversa, mas acabou que a gente ficou e, de lá, ainda fui para o CNJ, e estamos aqui hoje para contar a história, graças a Deus.



**A SRA. ISABELA DUTRA** – Que história, hein, Bandeira? Nossa!

Vamos passar agora para o peso da responsabilidade de vocês.

Sabóia, vou começar com você. (*Risos.*)

Qual foi a decisão mais difícil que você lembra de ter tomado?

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – Olha, foram... É engraçado, eu li o roteiro e fiquei pensando, matutando quais foram as questões, as decisões. E o Bandeira tocou num tema, e eu olho para a Roberta ali e lembro desse tema, feliz por ver a Roberta, de quem gosto muito, mas, assim, com um aperto no coração, que eram as sessões do Congresso.

As sessões conjuntas são, para a Secretaria-Geral da Mesa do Senado, o grande desafio. Depois, eu fui entendendo. Na Secretaria-Geral da Mesa, a gente passa... Eu passei quatro anos trocando pneu com carro andando, sempre adaptando as coisas com as coisas acontecendo. Mas eu fui descobrir que pouquíssimos parlamentos no mundo fazem sessões conjuntas do jeito que o Brasil faz, com sistemas integrados, com listas de presença integradas, votações integradas.

Então, é um desafio hercúleo, e que aumenta muito quando o Presidente do Senado não está presidindo a sessão do Congresso e fica o Secretário-Geral da Mesa do Senado junto com um Deputado, que está acostumado a presidir as sessões da Câmara, não está acostumado a lidar com os Senadores. Naturalmente, aí não vou citar nomes porque assessoriei algumas dezenas nessa condição, mas meio constrangido. Existe uma diferença ali, e o espírito de corpo de cada Casa é muito delicado.

Eu vou citar uma, talvez, duas histórias. Eu não tenho a mesma coragem que o Bandeira, não. (*Risos.*)

Eu tenho medo de ser processado. Mas uma das histórias foi a seguinte.

Tinha um destaque específico na LDO sobre fundo partidário, um tema superpolêmico. E, nessa interação com assessorias e tal, surgiu-se uma tese de que se faria um requerimento de verificação de votação em uma das Casas e o interstício de uma hora cobriria a votação na outra – que é uma interpretação regimental, que já foi aplicada outras vezes e tal. Mas, como o meu amigo Bandeira gosta de falar, tem de doce e tem de sal. Tinha precedentes ali para os dois lados, que valia só em uma Casa ou que valia nas duas.

E o Presidente da sessão, um Deputado, vira para mim e fala assim: "E aí, o que eu faço?"; eu olho para ele e falo assim: "Deputado, os precedentes vão para os dois lados". E ele: "Mas o que você faria?" (*Risos.*)

Aí, seguem-se de cinco a dez minutos de intensas conversas, e aí ele liga para um, liga para outro, liga para um, liga para outro, e resolve que vai adotar essa interpretação de que a verificação com interstício de uma hora valeria em ambas as Casas.

Era um tema muito polêmico. Ele toma a decisão, atropela, não atropela, mas vota rapidamente no Senado a matéria, começa a subir gente na mesa, briga, dedo na cara de um, de outro, e começam a apertar ele, jornalista e tal... Ele fala assim: "Orientação da Secretaria-Geral da Mesa". (*Risos.*)

Do Senado!

Aí, todo mundo: "Mas por quê?" e começam a me perguntar... Eu falei: "Gente, eu só me manifesto nos autos".

Mas, enfim, essa eu lembro que foi uma decisão muito delicada. Há outros casos congêneres, mas, se fosse para citar um, eu citaria essa e deixaria a oportunidade para os demais citarem também, porque eu sei que são várias as situações.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Posso?



**A SRA. ISABELA DUTRA** – Pode, claro.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – É, Congresso é Congresso. Eu dizia que eu preferia fazer... Antigamente, tinha muitas sessões extraordinárias do Senado. Então, eu dizia: "Eu prefiro fazer 30 sessões extraordinárias, uma atrás da outra, daquelas que não dá nem para pensar, nem para falar, do que fazer uma do Congresso". Porque...

A mais polêmica que eu vivi foi a que votou o veto dos *royalties*. Foi uma sabatina de questão de ordem. Eu já tinha pensado em todas as questões de ordem que poderiam acontecer, e já fiz umas respostas, digitei as respostas e já deixava, assim, prontas para levar, porque eu já sabia que essas vinham, e realmente vieram no primeiro momento da sessão. E, lá pelas tantas, acabaram as questões de ordem, e um Deputado disse: "Agora vamos passar para a hora do expediente", e eu falei para o Presidente: "Presidente, olhe o relógio. Já passou a uma hora que era a hora do expediente, usaram com questão de ordem. Se o senhor quiser começar a Ordem do Dia...". "Está encerrada a hora do expediente, vamos à Ordem do Dia".

Mas foi um quiproquó lá em cima... E eu baixinha, miúda, eu sei que me apertavam, me apertaram, e eu me esgueirava e apertavam. Enfim, esse foi um momento... Depois, a sessão foi muito longa, foi muito tumultuada. Quando acabou, no dia seguinte... Porque era uma questão que era Rio de Janeiro, Espírito Santo, uma parte de São Paulo, enfim. Quando acabou a sessão, o Senador Jorge Viana, que era o Primeiro-Vice do Senado, virou para mim, lá em cima, já tinha acabado... Ele virou para mim e disse assim: "Claudia, você foi muito dura". Eu? De jeito nenhum. Eu, não, de jeito nenhum. Mas aí, enfim, conversou...

No dia seguinte, o Deputado Anthony Garotinho foi lá na Secretaria da Mesa por outro motivo, pedir outra coisa. Ele já ia saindo, atendi e tudo, e ele virou para mim, voltou e disse assim, dedo em riste: "A senhora... Estar do lado oposto da senhora não é mole, não". (*Risos.*)

Aí eu disse: "Deputado...", eu vou apanhar, não sei o que me espera, mas eu vou apanhar, mas ele era dedo em riste comigo.

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABOIA VIEIRA** – Ele não chamou a senhora para trabalhar com ele, não? (*Risos.*)

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Eu não sabia nem o que dizer.

Sabe o que eu respondi para ele? "Muito obrigado pelo elogio, Deputado". Porque eu não sabia o que dizer. Eu me saí com essa, e depois ele abraçou, enfim, ele sabia que não era assim.

Mas esse foi um dos momentos... Uma sessão muito tensa, muito tensa mesmo, porque eram opostos...

E uma outra também, do Congresso. Antigamente, as medidas provisórias eram no Congresso, sempre uma confusão. E um Líder, Deputado, queria mudar o texto, mudar o texto na última hora, e não dava certo, aquela confusão grande lá em cima também. E eu disse; "Bom, tem que resolver alguma coisa aqui".

Nunca tinha sido usado... O Regimento da Câmara tem a emenda aglutinativa, que eu amo de paixão.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Resolve tudo ali. (*Risos.*)

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Resolve tudo ali.

Nunca tinha sido usado na sessão do Congresso. E aí eu disse: "Vamos fazer. O que der, deu". E foi o que resolveu. Mas aí o Deputado disse: "Tem que resolver, tem que resolver, tem que resolver...". Aí eu virei para ele, saí daquelas coisas: "Por que não usa a



emenda aglutinativa? Vamos resolver aqui". Aí ele disse: "Eu vou brigar muito lá embaixo, mas pode deixar que vai dar certo. É isso mesmo. Vamos deixar".

Então, foi assim que a emenda aglutinativa foi usada lá.

Aí eu falei para o Presidente: "Olha, não se preocupe. Ele vai brigar à beça lá embaixo, mas ele vai concordar". (*Risos.*)

E foi o que deu.

Mas aí tem muita conversa.

E o Congresso, então?

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Danilo, eu acho que a gente vai precisar de umas quatro mesas redondas, tá?

Faremos novos eventos. (*Risos.*)

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Deixa marcada a próxima já.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – É, já deixa marcada a próxima.

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Uma só para a sessão do Congresso. (*Risos.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Com certeza.

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – E a gente chama o pessoal da Câmara para dar uma animada, né? Acalorar um pouco. (*Risos.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Danilo, uma coisa que eu me pergunto todos os dias: como você mantém a serenidade no meio de momentos tão tensos, né? E como se preparar, como vocês se preparam com tanto conhecimento de Regimento, de Constituição, para tomar as decisões corretas? Nos momentos mais tensos, vocês vão lá, com toda a calma: "É assim".

Como é isso?

Conta para a gente. (*Risos.*)

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Bom, primeiro eu queria também compartilhar a minha história com a sessão do Congresso, em que isso talvez tenha ficado menos transparente...

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – Está virando uma sessão de terapia aqui, cada um contando seus traumas. (*Risos.*)

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – ... porque, coincidentemente, a gente teve uma sessão do Congresso muito no início da gestão do Presidente Davi, logo, da minha gestão também, em que todos eram estreantes. O próprio Presidente Davi ia presidi-la.

Então, ele também estava, um pouco, ainda estreando, com esses sistemas todos agora de tela, de campanha. Eu estreando. E até, por coincidência – um azar, na verdade –, com um item de pauta que era um PRN. E aí todo mundo sabe que tem um rito um pouco diferente, especificamente em relação aos destaques.

Então, nem os assessores estavam compreendendo bem.

Então, assim, a comunicação foi horrorosa. Eu também não sabia como me posicionar, ainda estava aprendendo. Todo mundo...

Aí terminou a sessão.

Aprovamos, porque tinha maioria. Só por isso, porque se dependesse de... (*Risos.*)

E aí, no outro dia, o Presidente Davi: "Ganhamos, mas foi apertado".

Eu disse: "Não, tem razão, Presidente. Eu vou rever tudo. A gente vai conversar mais". A gente foi ali, construindo, porque, no final das contas, é isso. Não é o conhecimento prévio do Regimento que você carrega; é o dia a dia, é a vivência, é o contato ali, é o *feeling*, é a observação. É a experiência que faz.



Eu tive uma experiência de Plenário na condição de Consultor, de Consultor-Geral, em que a gente vivenciou muitas histórias, viu muita coisa. E, com isso, a gente vai aprendendo. Mas aqui é bem diferente, é claro, não tem nem comparação. Mas foram essas vivências, essas experiências que vão engrossando o couro. Inclusive as experiências que eu tive com o Ministro Carreiro, em que já contribuí ali. *(Risos.)*

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Ele quer falar.

Pode falar, se o senhor quiser.

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** *(Por videoconferência.)* – Vamos complementar com o Congresso, porque... *(Risos.)*

o Congresso tem que falar.

Só para vocês terem uma ideia sobre o Congresso, eu, toda a vida, fui contra a sessão conjunta do Congresso. Acho que era para coisa específica que devia ter sessão no Congresso. Mas aí vieram as medidas provisórias e as jogaram no Congresso. A Constituição de 1988 as colocou no Congresso. E a gente tentava, de todo jeito, mudar isso.

Finalmente, quando foi, depois de várias propostas de emenda à Constituição, em 2001, teve a primeira reforma que atingiu medidas provisórias. E eu fiz de tudo, eu usei de tudo e consegui, posso dizer assim, com o meu convencimento dos Senadores e Deputados, tirar as medidas provisórias de sessão conjunta e botá-las em Casas separadas.

E isso foi feito, porque uma sessão do Congresso, gente, não tem limite. Aquilo ali não tem limite. E o Presidente do Senado, geralmente... O Presidente do Senado, geralmente, não gosta de presidir a sessão do Congresso. Ele deixa por conta do Primeiro Vice-Presidente da Câmara, que é membro da Mesa do Congresso. E aí é isso que os meninos aí falaram, né? Às vezes, ele fica...

Ele tem uma assessoria lá da Câmara que cuida de Regimento da Câmara, e aí, vai um funcionário do Senado que cuida do Congresso, evidentemente, com o conhecimento que a gente tem, que a gente procura ter – e do Senado –, e ele fica sempre meio inseguro para tomar decisões.

Mas tem outra questão do Congresso que eu preciso falar para vocês, essa que aconteceu comigo – como todos relataram uma aí –, essa foi parar no Supremo; essa foi parar no Supremo porque eu bati o pé com o Presidente: "não vamos ceder, tem que ir para o Supremo para resolver essa questão".

Teve aquela questão da renúncia do Senador... Primeiro, o Senador Jader Barbalho, quando ele assumiu, logo no primeiro ou no segundo mês, ele teve que pedir uma licença, como Presidente do Senado. Vejam bem. Meu Deus! Não existe isso de licença do Presidente do Senado, licença para interesse particular... Licença o Presidente do Senado não tem. "Não, mas você tem que arrumar uma solução".

Eu digo, vamos fazer o seguinte: vamos aplicar o dispositivo do Regimento, o art. 43, inciso II, por analogia aos Senadores; se os Senadores podem tirar, então, por que o Presidente não pode tirar?

Bom, eu já sabia da confusão que vinha pela frente. Com a saída do Presidente do Senado, iria entrar o Primeiro Vice-Presidente da Câmara nas sessões do Congresso. E aí, nós fizemos, lá na Secretaria-Geral da Mesa, um arrazoado com vários considerandos desse requerimento do Presidente e, aí, aprovou-se; a Mesa aprovou e também o Senado aprovou, e publiquei. Olhem, isso nunca tinha acontecido. Eu estava preparando o caminho do dia seguinte. Bom, aí, publiquei no Diário Oficial da União, na primeira página; publiquei no Diário da Câmara, do Senado, do Congresso, aquela decisão ali. Bom, aí, quando foi no



dia seguinte – o Lobão que assumiu, o Lobão era o Primeiro Vice-Presidente do Senado – , o Senador Lobão assumiu a Presidência.

Aí, precisou de uma sessão do Congresso. Bom, aí, lá se viu o problema que eu já sabia: quem convoca? É o Presidente do Senado, que estava sendo exercido pelo Primeiro Vice-Presidente, ou o Primeiro Vice-Presidente da Mesa do Congresso? Aí, um: "é esse"; outro: "é... não, o Presidente do Congresso" – a minha interpretação era essa –, "o Presidente do Congresso é sempre um Senador". Está na Constituição, a Mesa do Congresso é presidida pelo Presidente do Senado, e eu sustentei isso. Bom, fiz o ofício e mandei para a Câmara, assinado pelo Lobão. Mas quando esse ofício chegou lá na Câmara, o mundo desabou, e desabou em cima de mim... (*Risos.*)

Desabou em cima de mim. Vieram todos... Líderes, todo mundo: "Não pode! O que você está fazendo é errado, tem que ser o Vice-Presidente da Câmara", que não sei o quê... Eu expliquei e foram lá para o Presidente. E o Presidente disse: "Carreiro, tu resolves; resolves e pronto. Aí não há briga". Não vamos cancelar a sessão. Vamos fazer a sessão e não vamos cancelar, deixa... E vamos para o Supremo, porque era uma questão que vinha desde 1988, essa questão: quem é que substituíu o Presidente do Senado na sessão do Congresso.

É tanto que tem uma fala do Presidente, que está aí, inclusive publicada no Regimento Comum, que foi uma decisão do Presidente na época, que era o Humberto Lucena, dizendo lá quem era quem na Mesa do Congresso, as substituições, que eram alternadas: era o Presidente do Senado, o Primeiro Vice-Presidente da Câmara, o Segundo Vice-Presidente e, assim... Bom, aí, veio o advogado – a Câmara contratou um advogado, um rapazinho novo –, e aí, veio conversar comigo para me convencer para a gente voltar atrás.

Eu disse: "Não vou. Você pode, entra logo no Supremo, que é a melhor coisa. Não tem saída, nós temos que resolver isso aqui". Bom, aí fui no Presidente e o Presidente me perguntou: "Carreiro, quem é que a gente vai contratar", não botaram a Advocacia, "Quem é que nós vamos contratar para defender a posição do Senado no Supremo?". Eu disse: "Vamos botar o Josaphat Marinho". O Josaphat Marinho estava sem mandado, tinha saído, não era mais Senador. "Então, ótimo, vamos contratar o Josaphat". O Josaphat me chamou lá no apartamento dele, ali na 105 Sul: "Carreiro, vem aqui para você conversar comigo". Então eu fui na manhã, conversei com ele, expliquei tudo direitinho e tal. Bom, era um mandato de segurança, eles entraram com um mandato de segurança no Supremo, o Relator, sempre em matéria do Congresso, não sei qual era o motivo, sempre caía para o Jobim, como esse também caiu para o Jobim, o Ministro Jobim. E aí foi rápido o julgamento.

O Jobim fez um voto, eu tenho esse voto como lição até hoje, um voto realmente muito bem fundamentado, embora não me convença, não tenha me convencido, mas realmente muito bem fundamentado, desde a Constituição de 1891 até a Constituição de 1988, para defender o que seria, no final ele defendia, foi a tese vencedora no Supremo, que o substituto do Presidente do Senado era o Primeiro Vice-Presidente da Câmara, da Mesa do Congresso. Era uma figura que nem existia, essa Mesa do Congresso existiu em 1891 e depois voltou na Constituição de 1988. Bom, a conclusão do Jobim foi no sentido de rebater o nosso argumento dizendo que, se fosse seguir essa tese, a substituição na Mesa por um Deputado seria na 13ª substituição, substituiria até chegar. Bom, então decidiram.

Está resolvido, fizemos a sessão. Deu uma confusão essa sessão, meu Deus do céu, foi uma confusão. Foi a primeira sessão, depois o Senador Jader Barbalho renunciou, o Senado elegeu o Senador Ramez Tebet, isso foi em 2001, e foi a primeira sessão do



Senador Ramez, que foi presidir a sessão logo no dia seguinte. Foi votar um projeto que era sobre o Fust, recursos do Fust. No Governo do Fernando Henrique não se gastou porque o PT era oposição e não deixava. Quando o PT foi ser Governo, não gastava o dinheiro do Fust porque o PSDB não deixava. E era essa a confusão. Bom, aí fizemos a sessão do Congresso para votar esse projeto, era um substitutivo. Com muita dificuldade, conseguiu-se votar o projeto, era um PLN. E aí um Deputado lá de Minas Gerais que entendia muito de orçamento, era um Deputado muito respeitado, era do PCB, levantou uma questão de ordem, quando terminou de votar o projeto, que a redação final fosse feita, de acordo, cinco dias depois, ele queria o prazo para votar a redação final. Eu abri o Regimento, lá no art. 42, parece que é o art. 42, §3º do Regimento Comum, abri e botei bem na frente do Presidente, mostrei para ele, enquanto o Deputado argumentava, que era para ele deferir a questão de ordem.

Mas aí vieram os Líderes todos em cima do Presidente Ramez, e ele deixou o Regimento para lá: "O que vocês querem?". Eles disseram: "Votar a redação final", aí ele votou. Pronto. Quebraram tudo. O Plenário aí da Câmara ficou só o bagaço. Esculhambaram o Presidente e tudo.

Aí, quando foi no dia seguinte... Isso é sessão do Congresso, que eu estou relatando. Eu vou terminar. Quando foi no dia seguinte, eu cheguei cedo, aí o Presidente me chamou no gabinete. Eu cheguei lá, e ele estava com... O sistema nervoso dele era aqui, nas pálpebras, e estava assim. "E aí, Dr. Carreiro, o que a gente faz?". Aí ele disse para mim: "O PMDB pediu sua cabeça, mas eu não dei". Ele disse assim: "O PMDB pediu sua cabeça, mas eu não dei". Eu disse: "Presidente, o senhor não deu porque o senhor é homem justo, porque o senhor sabe que eu o orientei corretamente", foi isso que eu falei para ele. Pronto. Aí ele disse: "Mas o que a gente faz agora?". Aí a manchete do jornal deste tamanho relatando tudo. "Olha, Presidente, a única coisa que a gente pode fazer é convocar os Líderes da Câmara e do Senado para ver o que eles vão dizer, o que eles vão manifestar." Aí fizemos a reunião em seguida, porque estava todo mundo mobilizado. Foi um escândalo a quebradeira que eles fizeram lá. Aí terminou a reunião.

O Aécio, que era o Presidente da Câmara, chegou, bateu lá na porta, entrou com toda a mesa da Câmara, inteira. Aí todo mundo se levantou, ele cumprimentou ali todo mundo e só disse: "Presidente, nós viemos aqui apenas lhe dizer que estamos solidários com o senhor e vamos tomar todas as medidas contra os Deputados que fizeram aquele tumulto ontem lá no Congresso". Pronto. Acabou a reunião, aí fui embora para a Secretaria. Demorou um pouco, ele me liga: "Dr. Carreiro, venha aqui". Cheguei lá, e ele disse: "Vamos convocar uma sessão para as 14h do Congresso". "Para quê, Presidente?". Ele disse: "Os Líderes pediram, dizem que vão fazer uma sessão de desagravo." (Risos.)

"Tudo bem." Aí convocamos a sessão e fomos para lá.

Aí começaram discursos, discursos e discursos. Pronto. Quem levou a pancada maior? Eu. Aí um Deputado da Bahia, que depois foi Senador, foi lá e disse: "É porque esse Secretário-Geral é incompetente, ele orientou o Presidente errado e perdeu no Supremo". Aí voltou aquela questão da convocação da sessão. "O Supremo, inclusive, reprovou a orientação dele aí e a convocação".

Aí me esculhambou, aquela coisa toda. Eu fiquei quieto, deixei passar. Aí acabou a sessão, encerrou: "Muito obrigado. Está encerrada a sessão". Acabou e pronto. Aí passou.

Então, esse é o Congresso, é o Congresso.

Eu realmente fiz de tudo, quando eu estava lá, para que as sessões do Congresso fossem o mínimo possível, fossem para o orçamento, por exemplo, e para veto, mas questão de medida provisória, de matéria legislativa propriamente dita não caberia ao



Congresso, tinha que ser de acordo com a Constituição. O sistema é bicameral? Então, vamos fazer o sistema bicameral. Finalmente, prevaleceu isso na emenda constitucional.

Uma outra tese que eu defendi para botar na emenda constitucional, que modificou as medidas provisórias, essa tese só não passou por causa do Mozart, ele não concordou.

A tese era que as medidas provisórias fossem submetidas ao Congresso para tramitarem em casas separadas alternativamente, uma ia para a Câmara, a próxima medida provisória ia para o Senado, e assim sucessivamente.

Os Deputados até que acharam interessante, os Senadores e tudo, mas o Mozart, que era muito ouvido lá na Câmara, foi lá na Secretaria e disse: "Mas Carreiro, isso aí pode acontecer o seguinte: o Governo tem maioria no Senado, então ele deixa a medida provisória mais polêmica para botar no Senado, e depois a Câmara só homologar. Isso não vai dar certo". Bom, aí não passou.

Mas tudo isso era exatamente para ver se a gente diminuía o máximo possível as sessões do Congresso para apreciar matérias legislativas.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Está certo, muito obrigada.

Vamos seguir em frente, vamos falar agora sobre mudanças. Em 80 anos, o país mudou, o Senado mudou...

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Só para completar o que o Carreiro falou de medida provisória.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Sim, pode completar.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Quando já estavam juntas, quer dizer, separadas, a medida provisória em cada Casa, a Câmara usava todo o tempo e chegava em cima da hora. Até continua, mas enfim. (*Risos.*) Mas chegava e estava tudo... Os Senadores ficavam aborrecidos, claro, com toda razão.

Eu estava com o nosso pessoal na Secretaria, os adjuntos e a assessoria, e nós pensávamos: "Vamos estudar como fazer, como preparar". O Presidente na época, o Presidente Sarney, dizia que ia fazer um projeto de resolução, e eu dizia para ele: "Presidente, isso não é algo que se resolve com projeto de resolução, isso tem que ser uma PEC". A gente estava estudando ainda.

Teve um dia que o Senador Alvaro Dias bateu pesado. Eu peguei nosso papel, que era um rascunho ainda, e disse: "Olha aqui, nós estamos estudando aqui na Secretaria...", e ele jogou meu papel de lado. Eu peguei meu papel e ia rasgá-lo, mas botei na mesinha lá de trás, e o deixei lá, o papel, a proposta. E aí continuou, continuou, continuou... Dali a pouco, ele me chama: "Claudia, cadê aquele seu papel?". "Qual o papel, Presidente?". Me fiz de besta, né? "Qual o papel, Presidente?". "Aquele que você falou aqui, assim, assim...". E eu disse: "O da PEC?". "É, é". Aí eu botei lá, e ele disse: "Estou apresentando uma PEC para resolver este problema!". E o negócio era um rascunho. "Podem vir assinar!". (*Risos.*)

Aí tocou o telefone e a pessoa da nossa assessoria disse: "Claudia...". E eu disse: "Eu sei, eu sei, não sei o que a gente vai fazer ainda não, mas...". Aí o Presidente botou o papel e os Senadores começaram a querer assinar aquele papel rascunhado. Aí eu disse: "Não, nós vamos digitar, arrumar direitinho", para dar tempo de a gente acabar de fazer o texto. (*Risos.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Se contar, ninguém acredita, não é?

Mas vamos falar de mudanças então, gente. Em 80 anos, o Brasil mudou, o Senado mudou e a Secretaria também mudou. Bandeira deve ter passado por um dos momentos mais marcantes, que foi o *bunker* durante a pandemia. Foi uma capacidade de adaptação enorme da Secretaria. Foi uma das maiores transformações que a SGM já viveu? (*Risos.*)



**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Aquilo foi uma loucura. Até já contei essa história, a Secom fez um pequeno documentário maravilhoso...

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Conta de novo.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – ... contando essa história. Mas me recordei bem que, durante a...

A covid, a pandemia, afetou a essência do Parlamento. O Parlamento, tipicamente, é uma casa, um recinto fechado, as pessoas falam alto e se aglomeram, e às vezes os perdigotos saíam voando – dá para vê-los! Então, o Parlamento inglês, por exemplo, passou quatro meses fechado; o Parlamento americano passou três meses fechado, assim como o argentino. E, aqui no Brasil, a gente enfrentou de um jeito diferente essa pandemia. Eu me lembro perfeitamente do dia em que o Presidente Davi me liga – ele estava com o Rodrigo Maia ao lado –, e, aqui no Brasil, a gente precisava aprovar uma matéria orçamentária, até para permitir o enfrentamento à pandemia, que tinha que, rapidamente, voltar a funcionar.

E a gente tinha já discutido um determinado cenário em que a gente podia permitir o voto à distância, o voto remoto, mas isso ainda era um cenário hipotético. Na conversa inicial que eu tive com o Prodasen – na época era o Alessandro o Diretor do Prodasen –, falava-se em uns três ou quatro meses para isso estar funcionando. E, quando o Davi e o Rodrigo Maia me ligam, eles diziam: "Olha, precisa para a semana que vem!". Então, em sete dias! Foi um Deus nos acuda para conseguir permitir criar um sistema em que fosse possível fazer uma sessão com o mínimo de institucionalidade. Não dava para o Presidente ficar tocando num PC, na sala dele, uma sessão do Senado.

E aí surgiu aquela ideia do *bunker*, que teria um Senador presidindo – tinha um espacinho para um Vice-Presidente, que foi usado várias vezes para depoimentos, como bem lembrou o Sabóia, depoimentos não só do Ministro das Relações Exteriores, do Ministro de Saúde; vários depoimentos foram feitos ali no *bunker*. E o *bunker* foi um espaço dentro do Prodasen, que tem um telão gigante, onde eles usam para acompanhar tentativas de ataque à nossa rede, e a gente reconfigurou aquilo ali para funcionar. Então, tinha três posições básicas: o Presidente, um Vice-Presidente e um Secretário, do lado de cá.

E aí, conseguimos usar aquele telão para colocar o rosto dos diversos Senadores, a fim de que o Presidente tivesse a sensação de estar vendo todo mundo. E acabou... (*Falha no áudio.*)

Pois é... Sou eu?

E acabou que aquilo ali foi uma abordagem para o enfrentamento à pandemia, que permitiu que o Brasil fosse o primeiro país do mundo a retomar os trabalhos. A Câmara retoma na semana seguinte – boa parte aproveitando o que o Senado tinha desenvolvido –, mas, na Câmara, fechar o Plenário era muito mais traumático. Eu me lembro de ter conversado com o Léo Barbosa, na época, o Secretário-Geral da Câmara. E eu sugeri a ele: "Léo, você quer eventualmente usar o *bunker* do Senado? Você quer fazer alguma coisa parecida na Câmara?". Ele disse: "Bandeira, se eu fechar o Plenário da Câmara, eu caio no dia seguinte".

Então, lá, eles fizeram uma estratégia diferente: usaram o Plenário, mas com distanciamento de 20m, de um para o outro, e só os Líderes dentro do Plenário. Aqui, não! Aqui, a gente achou que, dessa forma, a gente conseguia garantir um funcionamento melhor, e, de fato, a Casa conseguiu deliberar. Inicialmente, na primeira sessão, ainda com voto oral, pelo Zoom; depois, o aplicativo foi desenvolvido, e o pessoal conseguia votar. E, até hoje... Acaba que, hoje em dia, esse recurso oriundo da pandemia é utilizado com frequência... Não diria com frequência, mas, em situações específicas, você necessita do



voto de todo mundo. Foi uma experiência louca, você não tem ideia de como foi. A Secom, em particular, para passar o cabeamento da TV Senado, para filmar de dentro do Prodasen, foi um desafio de engenharia. E aquilo funcionou de um jeito tão bacana que ficou meio futurista. O espaço daquele *bunker* também foi registrado no livro *Por trás da mesa*, do Fábio Liberal.

Aliás, esse livro foi, talvez, o maior legado da minha passagem pela SGM; conta muito desses bastidores. Só teve um grande problema, Isabela: resolveram trocar a capa do livro depois que eu saí! (*Risos.*)

Aí botaram a foto do Sabóia... Só quero dizer o seguinte: a minha edição esgotou; a do Sabóia está encalhada! (*Risos.*)

*(Intervenções fora do microfone.)*

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Só para terminar com a última história, esta é bem curtinha, porque eu não falei uma história minha de Congresso.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Pode ir.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Já que todo mundo contou a sua história de Congresso, tem uma minha também.

Em 2017, estava muito tenso o período entre Governo e oposição, logo depois do *impeachment*, Governo Temer. E a gente estava votando alguma coisa no Congresso, acho que era a LDO. Em dado momento, a gente teve que dar uma tratorada. Tem um momento que você não aguenta mais as estratégias de protelação e tal.

Eu lembro que era Eunício Oliveira presidindo – e tem um botãozinho na mesa da Câmara que eu adoro, uma chavezinha que desliga o microfone dos Deputados. O Eunício disse: "Bandeira, vamos votar agora; deu quórum, vamos votar agora. Desliga o microfone". E desligo o microfone.

Lá embaixo estava um Deputado, Líder do PDT na época, o hoje Senador Weverton Rocha. E o Weverton gritava e se esgoelava, e nada de o microfone funcionar, porque estava desligado. Lá pelas tantas, ele pega o Regimento Comum e arremessa, mas arremessa mesmo, com força, com violência. Jogou em cima da mesa, e o livro passou aqui. Estava Eunício onde você está; e eu, do lado. O livro passou aqui no meio, entre nós dois, juro. Podia ter acertado um ou outro.

Quando o Weverton, no ano seguinte, é eleito Senador, em 2018, eu faço uma brincadeira com ele. Pego o Regimento do Senado, faço a dedicatória para ele, dando as boas-vindas ao Senado, e digo "só espero que o senhor continue ruim de mira". (*Risos.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – É a sua cara!

Vamos lá, então. Depois dessa história, a gente perde até o rumo, não é?

Danilo, houve muitas mudanças este ano. A mudança mais visível foi aquele espetacular painel do Plenário, que ficou incrível, sensacional, e também o Plenário poder ser controlado de outros lugares, além do Senado.

Querida que você explicasse isso e outras mudanças que aconteceram também atualmente, na sua gestão. Conta para a gente.

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Primeiro, quero dizer que eu sou herdeiro de tantas inovações, de tanta construção de soluções que foram feitas ao longo destas décadas. A muito impactante delas é o Sistema de Deliberação Remota, mas não só ele, a própria remodelação do painel eletrônico – acho que Cláudia foi um embrião disso –, que trouxe um *know-how* para a gente que é ímpar no Brasil, com certeza, e se compara com os melhores sistemas do mundo.



Eu cheguei com esta ideia pronta: vamos completar o painel. Eram oito telas, eu acho, de cada lado, que traziam uma série de limitações. Dificultava você ter todos os Senadores nos dois lados. Então, era sempre aquela história... O critério de escolha de cada estado, de cada lado, era completamente aleatório. Tem a ver com a posição que o Senador fica para olhar no lado oposto. Não é uma ordem alfabética, não é uma ordem de criação dos estados. É uma ordem muito mais topográfica em relação ao Plenário do que qualquer outra. Então era uma dificuldade.

Para ter mais informações sobre o que está em votação, o que não está em votação, precisava de mais espaço e não só de espaço. Se a gente pudesse, de fato, remodelar os sistemas internos e o painel completamente, a gente teria, além de muito mais informação, também possibilidades de novas tecnologias, de novas mudanças que poderiam ser implementadas.

O Sérgio me deu essa aula, eu peguei esse pacote de informações e falei ao Presidente: "Presidente, já são dez anos com a mesma tecnologia, a gente já vai precisar fazer uma modernização interna dos sistemas, porque não pode ficar arriscando ter um sistema que se torne obsoleto, que comece a gerar falhas. E o senhor também tem a possibilidade de fazer uma remodelação completa, aí sim, fechando a volta do Plenário, usando tecnologias de LED em vez do LCD que se usa hoje, as botoeiras podem ser aperfeiçoadas, você ter mais informações, mais possibilidades". E ele falou assim "Vamos fazer, vamos fazer".

E aí já tocamos, foi uma das contratações, a despeito de sua complexidade, mais rápidas já feitas no Senado, envolvendo todos os órgãos, que se uniram nesse propósito. Partiu do Presidente, mas acho que encontrou uma vontade muito grande de todos os órgãos da Casa, desde a Diretoria-Geral, setor de licitações, da própria SGM, da Advocacia, então conseguimos gastar o dinheiro do ano passado, que era o objetivo, e implementar em tempo recorde, durante o recesso parlamentar, aquele padrão maravilhoso, e depois cuidar da inauguração, em como gerar um impacto positivo nos Senadores, porque também, às vezes, você faz todo um esforço e aquela coisa não agrada. Vem um e diz: "Não, mas eu preferia de outro jeito".

Então, com tudo pronto, a gente planejou deixar o visual o mais parecido possível com o cenário anterior, aí o Presidente vem, ele lê, faz a inauguração, e, neste momento, a gente transforma e traz o cenário novo. Conseguimos compartilhar com o Presidente essa intenção. Ele chegou assim: "Que coisa horrorosa, disseram que era um painel novo", brincando com os Senadores, estava um pouco esvaziado, era o início da sessão ainda. Ele disse: "Fica aqui, Moro, fica aqui", aí ele sobe o painel, faz isso e consegue dar o efeito que se espera, e foi um impacto muito positivo, inclusive para fora. Eu acho que não teve aquele medo de repercussão, vão dizer que custou tanto, vão dizer que foi caro, que é desperdício; não, acho que a sociedade, em certo ponto mediada pelo meio de comunicação, entendeu que foi um ganho, que foi um aperfeiçoamento para trazer uma modernização para o Senado. Eu acho que foi um sucesso muito grande o projeto, tanto do ponto de vista operacional como do ponto de vista também para os Senadores, acho que foi uma vitória da gente.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – E teve mais coisas além disso. Não foi só o painel, não é?

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Ah, não, como eu falei, a gente já herda muitos sistemas, muitas coisas, mas a gente tem sempre que buscar algo para ser feito para deixar legado para os seguintes. Então, a gente tem agora essa dominância de ferramentas de IA, de inteligência artificial, a SGM está buscando incorporá-las, trazer



ferramentas, facilitar a informação, acesso à informação para o cidadão, também agilizar nossos processos internos. Assim, isso é a nova fronteira que está se apresentando, a gente está incorporando, a gente está trabalhando nisso. O Prodasen, nesse ponto, tem um trabalho fantástico.

Mas teve outras ferramentas, o Portal do Congresso também, finalmente, essa distância – a Cláudia falou da distância do adjunto para o titular, mas a distância Câmara-Senado que é gigantesca mesmo. (Risos.) E o Portal do Congresso era a prova disso. Havia informações do Orçamento que estavam na página da Câmara, havia informações do Orçamento na página do Senado e havia informações do Orçamento que estavam na página do Congresso Nacional. Então, conseguir unificar isso foi um processo de mais de ano, o Zé sabe bem o processo que ele ajudou a conduzir.

Então é mais informação para o cidadão, ele consegue escolher o ano que quer pesquisar, lá ele vai ver a LDO, a LOA, tudo que foi feito naquele ano, o processo atual ele também consegue acompanhar, a tramitação de cada um, e agora, com todas essas atas e indicações e tudo que está sendo exigido de formalização, também está tudo lá. Então também foi uma entrega que a gente fez ano passado que foi muito bem recebida pela sociedade em termos de informações, de acesso, são muitas as transformações.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Sabóia, eu queria te perguntar: quais são as outras transformações que você pode destacar na Secretaria ao longo desses anos?

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – Eu estava lembrando aqui, ouvindo o Danilo falar, e é engraçado, é um negócio que para fora talvez pareça pequeno, mas foi a mudança mais difícil de a gente implementar e acho que, para a sessão, a que nos gerou o maior benefício, que foi o encaminhamento digital, eletrônico, em que, em vez de o Presidente ficar lendo o papel – a gente passa o papel para lá, o papel para cá –, o Presidente lê, olhando para a tela, um documento que está lá sendo editado em tempo real por toda a equipe da Secretaria-Geral da Mesa.

E eu lembro que eu assumi a Secretaria-Geral da Mesa, e a gente ainda estava no *bunker*, aquele esquema do papel e tal, com todas as dificuldades e limitações, ainda tinha a questão de impressão e a equipe ficava longe. Então, alguém preparava um texto na Secretaria-Geral da Mesa, tinha que sair correndo ou tentar imprimir, com o papel da Secretaria-Geral da Mesa, tentar imprimir lá no *bunker*, ou na mão, enfim, e complicava muito o serviço. Eu tive a ideia, expliquei mais ou menos para o Presidente, porque, se eu explicasse demais, ele não ia querer. E eu expliquei: "Chefe, a ideia é que o senhor leia no monitor e tal". E ele: "Mas vai continuar tendo o papel?". Eu falei: "Vai". (Risos.)

E aí ele começou. Eu lembro que a gente passou... O José Roberto acompanhou bem, acho que por uns dois meses, a Sabrina também, o Presidente reclamando: "Não está aí, eu não achei". E qualquer problema que acontecia na sessão era culpa do encaminhamento eletrônico, não era culpa de mais nada, mas, depois que ele entendeu, e os outros Senadores evidentemente entenderam, o tanto que aquilo agilizava a sessão, o tanto que aquilo facilitava o trabalho, porque torna o texto mais preciso, o encaminhamento mais preciso – as próprias assessorias conseguem entender melhor, a gente compartilha melhor os textos –, eu acho que foi um ganho importante.

E, na volta do... O Bandeira teve o desafio de ir para o remoto. O meu desafio foi tentar trazer o pessoal de volta para o presencial, o que a gente não conseguiu direito até hoje. (Risos.)

Até hoje estamos nesse processo. Não só o Senado, mas todas as grandes empresas, multinacionais, corporações têm esse desafio hoje com os servidores, e aqui no caso, com a classe política, de tentar readaptar ou tentar achar o que é o novo modo de



funcionamento, porque, de fato, o Sistema de Deliberação Remota e o aplicativo foram feitos hercúleos e muito importantes, mas, como o Bandeira falou, a pandemia desnaturou a essência do Parlamento, e esses meios vieram como uma espécie de muleta para viabilizar esse funcionamento. Só que é uma muleta muito boa, muito confortável, e, hoje, é realmente complicado se ter essa presença física, que é muito importante.

E nós tivemos que passar por esse processo de convencer as pessoas ao retorno, de achar um ponto em que é necessária a presença física e um ponto em que ela é relativizada. Isso foi um grande desafio, mas acho que o sistema a que chegamos, que se tem hoje tanto de protocolo digital, como de envio digital de proposições para acabar com o papel, foi um avanço. E acho que o Senado chegou a um bom termo: votações secretas exigem a presença física dos Senadores, por questões de segurança da informação, e as demais viabilizam a sessão remota, são viáveis de deliberação remota. Acho que é um bom meio-termo. Isto é algo que a gente aprende no Senado, pelo menos eu aprendi muito: a importância das redundâncias nos sistemas.

Você sempre tem que pensar: se tudo der errado, o que eu vou fazer? Como é que vai votar? Porque, alguma hora, de fato, tudo pode dar errado, tudo pode sair de controle, e você tem que ter um plano B.

Essa é uma ferramenta de gestão que me acompanha pela vida, porque, de fato, sempre tem, como se diz na gestão, um cisne negro, um elemento, uma variável que ninguém esperava, aconteceu, e deixa evidente a importância de se ter uma redundância, de fato, que, muitas vezes, não se entende por que está lá, até o dia em que se precisa dela.

Como o Bandeira falou, já existiu um arquétipo de SDR que ninguém achava que ia funcionar. Imagino nossos servidores públicos desenvolvendo aquilo e pensando: quando vão usar isso aqui? O Presidente nunca vai topar. Até que um belo dia, aquilo é a salvação da lavoura.

Então, essa é uma lição que eu vou levar comigo a vida inteira.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Gente, o Dr. Carreiro teve que se ausentar, porque ele está dirigindo. *(Risos.)*

Então, acho que ele agradece a participação. O senhor consegue falar? *(Risos.)*

Está no carro. Ele está dirigindo.

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** *(Por videoconferência.)* – Eu tive que me ausentar um pouquinho porque estou viajando – agora, entrei no carro – para o Porto.

**A SRA. ISABELA DUTRA** *(Fora do microfone.)* – Ai, que chato! Que desagradável! *(Risos.)*

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** *(Por videoconferência.)* – Certamente, a internet na estrada vai ficar falhando, mas eu continuo presente... Já falhou.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Está certo. E...

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** *(Por videoconferência.)* – Mas vocês estavam falando sobre o uso da tecnologia no processo legislativo, é isso?

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Isso.

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** *(Por videoconferência.)* – Eu posso dar um depoimento sobre isso?

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Pode.

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** *(Por videoconferência.)* – Bom, quando eu cheguei à Secretaria da Mesa, em 1995, esse foi um processo que foi se aperfeiçoando. Naquela época, na minha época, era tudo no papel.



Um dos procedimentos legislativos que mais chamava a atenção era o Orçamento da União. O Orçamento da União era o que mais demandava, porque você tinha que fazer os avanços do projeto de lei orçamentária. Eu lembro que, antes de a gente mudar, de eu mudar o sistema da época, o orçamento anterior, o avulso do orçamento pesava sete quilos. Para você ter uma ideia, pesava sete quilos. Mas aí eu mudei para o disquete, aquele disquetezinho que estava entrando, que era a tecnologia da época. Nós fizemos o disquete, mas tinha aquela questão: uns Senadores, um gabinete se adaptam a isso rapidamente; outros não se adaptam. Então, você tinha que fazer exatamente o plano B para os Deputados e Senadores que não usavam o disquete no computador e usavam o papel. No caso do Senado, por exemplo, o Senador Pedro Simon: a gente tinha que fazer o avulso dele separado e botar na mesa dele, na bancada dele, porque ele não acompanhava pelo sistema de disquete. Mas isso foi um processo que foi evoluindo. Depois veio o processo legislativo eletrônico, que já foi a Claudia que assumiu e em que deu um grande impulso. Aí chegou-se ao ponto que chegou hoje. Realmente, modernizou o sistema, diminuiu a despesa. Só para vocês terem uma ideia da despesa que diminuiu com o uso do papel, no ano seguinte, 1996, quando eu mudei o sistema para disquete, o Diretor da Gráfica veio me trazer um relatório, dizendo-me a economia que a gráfica fez de papel. Em um ano, nós economizamos 12 toneladas de papel.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Nossa...

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** (*Por videoconferência.*) – É uma economia extraordinária; e moderniza o sistema – moderniza o sistema.

Até hoje, eu tenho muita dificuldade ainda de trabalhar com isso, de entrar no computador, de fazer uma pesquisa. Eu já faço, mas eu nunca fui contra, toda a vida trabalhei, incentivei o Prodasen, que é o setor que fazia os nossos projetos, implantei nas Comissões também o mesmo sistema. E ele foi evoluindo até o ponto que vocês estão relatando hoje aí.

Esse era um pequeno adendo que eu queria dar para vocês.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Certo, muito obrigada. Acho que a Claudia quer completar.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Eu trouxe aqui um "arquivo", porque é quase do tempo do rascunho da Bíblia. (*Risos.*)

Esse aqui era o Regimento. É muito fácil hoje... Gente, a gente aperta, inscreve uma palavrinha, vem a IA e já resolve tudo, mas, naquela nossa época, Carreiro, era isso aqui, olha...

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Meu Deus...

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Era isso aqui, era a tecnologia da época. E, quando nós chegamos na Secretaria-Geral da Mesa, era máquina de escrever elétrica, pelo menos isso, e era com carbono. Cinco vias para levar as papeletas para o Plenário com carbono.

E isso que o Carreiro falou, e aí eu vou citar o Fábio, esse trabalho do que nós chamávamos na época de PLE, o Processo Legislativo Eletrônico foi um trabalho enorme, de uma equipe enorme. E o Fábio aqui, olha... Incrível. E ele fez uma frase que eu repito sempre. O nosso tempo foi um tempo, e todos juntos, porque ninguém faz nada sozinho mesmo, foi um tempo em que... A frase dele é: "Nós estamos passando do século XX, em termos de tecnologia, fechando o século XX [apesar de a gente já estar no XXI], mas nós estamos fechando o século XX em termos de tecnologia e abrindo a possibilidade do século XXI". Então, essa é uma frase que ele sempre fala.



E é isso que foi feito, o Processo Legislativo Eletrônico foi isso. Deixamos esses livros todos... E uma vez eu fui mostrar para os meus netos isso aqui, como era, você sabe o que eu ouvi? Eu digo: "Vovó, se a gente fizesse isso no nosso caderno, você ia dar maior bronca." (*Risos.*)

Fiquei calada, vou dizer o quê? Mas é isso. É isso que o Carreiro falou, esse caminho, e que é permanente – é permanente.

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – É isso, é isso, porque, assim, o Senado, quando fazia isso, entregava a ordem do dia, o processo orçamentário, sete quilos na mesa do Senador, era o ápice da tecnologia. O Senado sempre foi muito de ponta, ele conseguia entregar. A gráfica a gente tinha, fantástica – tem, né?

E aí, na realidade, vão surgindo outras tecnologias e a gente vai abraçando. Então, hoje, a gente está abraçando tecnologias atuais. Estão sempre buscando estar no estado da arte e da tecnologia, e tentar disponibilizar para os Senadores. O SDR foi o primeiro do mundo também, porque é hábito que o Senado tem de estar sempre usando os melhores recursos do momento para aquilo.

Então, essa que tem de ser a filosofia e é isso que orienta o corpo do Senado.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Certo. Gente, infelizmente, a gente está caminhando para o fim. Que pena, não é? A gente vai ter que acelerar um pouquinho agora, nas respostas. E agora a gente vai olhar para a frente.

Claudia, eu queria começar com você. O que precisa evoluir nos próximos anos? E, principalmente, quanto à participação das mulheres. Foi difícil para você? O que precisa mudar?

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – É, eu era um espécime raro no Plenário. Não tinha nem banheiro ainda, muitas vezes eu tinha que não tomar água por dez, doze horas, porque não dava para ir ao banheiro. Mas o que precisa para a frente... Eu acho que o que está sendo feito é esse olhar do que acontece hoje e do que existe – esse estudo, esse olhar bem percuciente, esse olhar bem aberto do que tem no mundo – e trazer para nós.

E nós também criamos, como o Bandeira fez; o nosso pessoal cria. Então, é estar sempre nessa criatividade, e isso não vai parar nunca. Eu entendo isto: não vai parar nunca.

Em termos de mulher, é um caminho que também nós temos que percorrer juntos. Eu sempre digo assim: a mulher não pode nunca ser contra – eu ou vocês –, não existe isso. Mas é olhar e dizer que o jeito de fazer é um jeito complementar entre homens e mulheres, e um jeito não só do dia a dia, como também pensando no futuro. É isso que eu busco, que eu entendo que é importante.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Certo.

Bandeira, que conselho você daria para o Danilo?

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Já dei tanto. (*Risos.*)

Já dei um bocado. Corra enquanto é tempo! Corra enquanto é tempo! (*Risos.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Compartilha, compartilha.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Você sabe que, às vezes, o pessoal pergunta: "Você tem saudade do tempo da SGM". Eu digo que não, que saudade eu não tenho, porque saudade é a vontade de viver de novo; eu tenho nostalgia, eu tenho uma nostalgia carinhosa. Foi um tempo de dias maravilhosos. Acho que o Danilo está muito bem onde está. Eu não tenho nenhuma vontade... (*Risos.*)

Mas, se eu fosse dar um conselho a ele, a gente ali é um para-raios, e, talvez, o maior desafio do Secretário-Geral... O Secretário-Geral vive quase em uma simbiose com o Presidente e, muitas vezes, somos obrigados a decidir com base no que nós achamos que



o Presidente pretende fazer; é isso. A gente conhece, mais ou menos, como ele pensa já e, muitas vezes, não tem instrução específica sobre como agir naquele momento. A gente tem que agir, e vai daquele jeito. Às vezes, a gente erra.

Mas, se eu fosse dizer como aperfeiçoar os trabalhos da Secretaria-Geral da Mesa, acredito que a gente tem, cada vez mais, caminhado para uma democratização da informação. Hoje, você pode acompanhar, simultaneamente, qualquer Comissão do Senado, com vídeo, com texto, com as notas, com o registro taquigráfico, que é simultâneo. Você tem uma quantidade menor de pessoas entregando muito mais resultado, muito mais transparência.

O processo democrático acontece fora também da Casa, e é natural, a ciência política diz isso já: quanto mais se aprofunda a democracia, mais o eleito tende a se parecer com o eleitor. Isso tem um impacto na Casa, nós temos percebido, ao longo das legislaturas, um impacto no funcionamento da Casa, mas isso é da democracia.

Acho que o papel da Secretaria da Mesa é estar atento a essas mudanças e ir se adaptando a elas, entendendo que o Congresso, o Parlamento, tem que entregar mais informação, mais rapidamente, à população.

Agora, o conteúdo dessa manifestação, naturalmente, vai estar ligado à atividade política de cada um. O nosso papel é deixar que isso aconteça e deixar que isso seja acompanhado pela população.

Não sei se...

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Está aí o conselho. *(Risos.)*

Eu vou passar para o Sabóia.

Sabóia, o que não pode mudar?

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – Eu acho que a gente falou um pouco disso quando eu mencionei o que o Bandeira falou sobre a necessidade de estar presente.

O Ministro Carreiro, o nosso Embaixador, falou no início e fez menção a um desafio muito grande que a Secretaria-Geral tem – eu entendo – e os assessores de um modo geral, de todos dos gabinetes, inclusive, que é o da tradução, de simplificar, muitas vezes, questões complexas em termos simples, mas que não comprometam os detalhes e as nuances envolvidos.

Esse é um esforço que nós fazemos com os Senadores, às vezes, para explicar, o Carreiro falou e é verdade. Você não pode ter um procedimento de votação regimental em que quem está votando não sabe o que está sendo votado, não entende o que está sendo votado. E também para o público de fora. É na linha do que o Bandeira falou. Cada vez mais existe a democratização, o acesso à informação, o que envolve não só a transparência, mas a explicação do que está, de fato, acontecendo.

O processo legislativo, como qualquer processo, a rigor, é muito complexo, tem uma série de incidentes, de idas e vindas, e existe esse desafio de tradução. Mas o que eu entendo que não pode mudar e não pode ser comprometida é, justamente, a capacidade de – mesmo simplificando, traduzindo esse processo – debate e de persuasão.

Alguém aqui, eu não me recordo quem, falou que o processo legislativo pode ser resumido como um processo em que se garante o direito de minorias, mas que – acho que foi o Bandeira –, no final, a maioria vence. Justamente porque a minoria, por vezes, pode convencer a maioria, um pedaço da maioria, e se tornar a maioria. Então, toda modernização, todo implemento, toda transparência, têm de sempre resguardar um espaço para o convencimento, para a negociação política, que, gostemos ou não, viabilizaram a vida tal como a conhecemos atualmente, no estágio civilizatório em que nos encontramos. A capacidade de fazer compromissos, a capacidade de ceder – e isso numa sociedade,



hoje, muito polarizada – exigem, e talvez isso soe um pouco polêmico, um grau de insulamento, de isolamento, para que o debate possa acontecer.

Alguns presidentes fazem isso, mas eu fazia, às vezes, até por ideologia: segurava algumas iniciativas de transparência... não eram de transparência, mas que deixavam o processo excessivamente permeável. É necessário que os agentes políticos e que a população debatam e é necessário que compromissos possam ser feitos, firmados e honrados. Isso não se pode perder, mesmo diante da evolução.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Certo, obrigada.

Danilo, quais são os desafios, hoje, de conduzir a SGM em um Senado dinâmico, tecnológico, exigente? Conte para a gente.

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Eu fiz um capítulo num livro, também comemorativo, contando a história da Conleg, em que eu começo dizendo isso. Eu tenho 22 anos de Senado. Em 22 anos, mudei eu, mudou o Senado e mudou o Brasil. Então, é essa capacidade de enxergar isso: que vai mudando.

Vamos ter a renovação de 54 Senadores; o Senado vai ter outra cara naquele dia seguinte. É importante que a gente saiba incorporar isso aos nossos processos, à forma como a gente lida com os Senadores, à forma como a gente disponibiliza informação, à forma como... O Regimento vai sendo amoldado a essa nova forma de fazer política, justamente para permitir a política acontecer, justamente para permitir a maioria se consolidar, a minoria ser ouvida. E, mais do que a maioria vencer a minoria, o Senado é uma Casa que busca o consenso. Poucas são as votações que a gente faz com verificação de quórum, nominal, a maioria é realmente pelo consenso. Por quê? Porque eles vão conversando, não é um jogo de rodada única, não é, naquele dia, simplesmente, que eles têm que decidir aquele projeto. Eles cedem hoje para vencerem amanhã, para no dia seguinte comporem. Então, como são oito anos juntos, eles vão buscando sempre o consenso. Então, isso é um elemento importante. A mudança da composição dos Senadores vai mudar o Senado, e a gente tem que ter essa capacidade, o servidor do Senado, de adaptar-se a todas essas mudanças e estar sempre *pari passu* com a sociedade, com o *status* político do momento.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Obrigada.

Para a gente encerrar agora, eu queria ouvir de vocês uma palavra ou uma frase bem curtinha sobre o que significa para vocês, qual é o sentimento de ver a Secretaria completar 80 anos.

Vou começar com o Dr. Carreiro, por favor.

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** (*Por videoconferência.*) – Antes de eu falar sobre os 80 anos, eu vou fazer um breve comentário sobre o que os meus colegas falaram, sobre o conselho que você falou que eu daria para o Danilo, para o atual Secretário-Geral.

Conselho a gente nunca dá, mas a gente deixa a reflexão. E uma das reflexões que eu deixo é o seguinte: você, como Secretário-Geral da Mesa, nunca deve deixar de criar, de botar a sua inteligência para criar, para resolver questões e construir pontes, para facilitar as negociações entre Governo e Oposição. Então, você tem que criar. Se você ficar preso ao Regimento – "Isso não pode", "Isso não pode", "Isso não pode" –, um Secretário-Geral de uma Comissão ou de qualquer Colegiado terá uma vida bastante curta. Então, não é ceder, mas é dar uma informação, ou dar uma ideia que tenha um fundamento. Toda aquela ideia de você transmitir para o Presidente ou numa Reunião de Líderes de que o Secretário-Geral participa e é chamado a falar... É evidente que você só fala quando você é chamado.

Outra coisa que eu quero dizer para o Danilo, quando a gente falou que o Sabóia viu um assessor sair preso de uma sessão do Senado, a gente tem que ter cuidado até com o



movimento das mãos, dos dedos, do falar, do olhar, você tem que ter cuidado com isso, ainda mais hoje, com a televisão. Eu comecei, um ano depois, a televisão estava em cima de você, quando eu comecei, porque foi em 1995 que a TV Senado foi criada. Então, a TV está ali em cima de você, qualquer gesto, saiu, acabou. Palavra jogada não tem retorno. Então, essa é a capacidade que eu diria para qualquer Secretário-Geral que tenha.

E outra coisa: você ser transparente, você ser transparente e leal com o seu Presidente que confiou em você, porque é um cargo muito sensível, você tem que ter uma lealdade extrema com o Presidente que o escolheu. E essa lealdade se estende, evidentemente, a todos os Srs. Senadores. Você não vai dar uma informação para um Senador e uma informação, sobre o mesmo assunto, você dá para outro. Aí você quebra a espinha dorsal e você fica sem credibilidade. Você tem que chegar ao ponto de dizerem, o Senador vai falar um assunto com ele ou um Deputado e tal, e ele diz: "Acerte com o Carreiro", "Acerte com o Danilo, com o Bandeira", porque ele confia em você e sabe que você vai dar uma informação correta e leal, exprimindo aquilo que seria o pensamento dele, que é o pensamento de você seguir a lei.

Então, Sarney dizia: "Olha, o caminho que a gente tem é a Constituição, a lei e o Regimento. E um Secretário-Geral só tem uma coisa que o defende: é você cumprir rigorosamente o que está no Regimento. Se você sair fora para facilitar um partido ou outro, seja ele da oposição, seja do Governo, seja de centro, você também quebra a sua espinha e fica sempre sob suspeição quando você der uma orientação". Então, é isso.

E sobre os 80 anos da Secretaria-Geral, é um momento que inaugura uma maturidade muito grande, oitenta anos é um período muito grande. E quem passou por esse período – porque todos, cada um, tem a sua sorte ao passar... Teve Secretário-Geral que passou, por exemplo, o período da Revolução todinho, foram vinte anos. Nós tivemos um período no Congresso em que a sessão começava 14h30 e 15h30 estava a sessão encerrada, só se votava requerimento de pesar, alguma redação final, era isso. Então, isso, às vezes, é a sorte de quem está naquela posição. Depois veio a abertura política, que foi aquela abertura gradual, segura, do Presidente Geisel, e as coisas foram se complicando. E você vai assumindo responsabilidades e botando o seu cargo e a sua profissão, como servidor público, na navalha. Todos os dias, você bota a sua vida funcional na navalha.

Então, se você tem... Falou-se muito disso aí, de você ter segurança e calma, você não pode ter pressa para responder a um questionamento do Presidente ou de um Senador. Ouça. Ouça e depois você fala. E não interrompa o Senador ou o Presidente, deixe-o falar, exprimir, e depois você fala. E isso é uma vivência. Isso foi o que eu fiz durante a minha vida toda, eu fiz como assessor da Mesa, depois como Secretário-Geral Adjunto, e fiz como Secretário-Geral – e acho que me dei muito bem, acho que me saí bem. Nunca tive problema, somente aqueles probleminhas que surgem hoje, mas amanhã já estarão resolvidos. E é isso.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Está certo.

**O SR. RAIMUNDO CARREIRO SILVA** – Obrigado pela participação, porque vocês me deram essa oportunidade.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Muito obrigada, muito obrigada mesmo pela sua participação.

E para a gente encerrar, então, Claudia, uma palavra, uma frase sobre seu sentimento pessoal, da sua trajetória, vendo a Secretaria completar 80 anos. E, se quiser, pode deixar uma mensagem para os servidores.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – Tem uma palavra... (*Manifestação de emoção.*)



Eu sou desse jeito. Tem uma palavra que me emociona mesmo, que define a Secretaria-Geral da Mesa, nesses 80 anos para trás e daqui para a frente, sempre: excelência.

**A SRA. ISABELA DUTRA** (*Fora do microfone.*) – Perfeito.

**A SRA. CLAUDIA LYRA NASCIMENTO** – A excelência do trabalho. O compromisso com o acerto. Entende? Então, isso é o que eu digo. Para trás, hoje, completando 80; e para a frente. É isto que está reservado, é o destino da Secretaria-Geral da Mesa: a excelência do trabalho e dos servidores.

E eu digo: o Senado tem muita sorte, a sociedade tem muita sorte, de ter os servidores que tem... E eu vou puxar a brasa para a sardinha nossa, da Secretaria-Geral da Mesa. É um todo, claro, mas, na Secretaria-Geral da Mesa, há esse compromisso com a excelência.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Perfeito, parabéns. Muito obrigada, Claudia. (*Palmas.*)  
Bandeira, quero ver você se emocionar agora também.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – É, eu sou do tipo chorão mesmo, é bem capaz.

Eu fico pensando, sobre essa sua pergunta dos 80 anos da SGM, como é que o Isaac Brown, lá no Rio de Janeiro, reagiria ao ver o funcionamento, hoje, do Senado, 80 anos depois? O Carreiro tem muita razão quando diz que passou 20 anos aqui sem isso aqui funcionar. O Senado em que o Isaac Brown trabalhava era outro, muito diferente do nosso, mas cada um de nós reage ao desafio do seu tempo. Assim como a minha gestão calhou com a pandemia, a gente teve que tirar o SDR da algibeira, e aquilo, de certa forma, revolucionou o trabalho, o Sabóia e a Claudia também tiveram suas crises, o Carreiro viveu crises enormes... Quem não se lembra aqui da coisa da violação do painel e outras? Mas isso fez com que o painel se sofisticasse. Está aqui o Sérgio, que ajudou muito nesse trabalho, o Sérgio Bonifácio, de recriação, por assim dizer, do sistema de votações presenciais. Tudo isso... A cada desafio novo, você vai aprendendo a como se aperfeiçoar.

Isso que o Carreiro falou, que você tem que cuidar do gestual... Realmente, antigamente, quando não se tinha TV Senado, era uma coisa muito mais tranquila. Hoje em dia, você faz uma brincadeira, um sinal para o Senador, brincando, batem uma foto e aquilo vai ilustrar depois uma matéria. Um dia desses estava, numa matéria, uma foto do Davi, e eu do lado dele, no Plenário, fazendo uma careta qualquer; parecia que era uma reação àquela reportagem, não tinha nada a ver, era outro contexto. Então, de fato, esse é um desafio presente e constante.

Mas, retomando o que a Claudia falou, se tem algo que marca o trabalho do Senado Federal, sem dúvida, Claudia, é a excelência mesmo. Nós estamos, por acaso, aqui com os Secretários-Gerais, os ex-Secretários-Gerais, já temos 35 anos de Secretaria-Geral aqui presente neste debate, e a gente acaba assumindo um pouco essa função de protagonista, de estar à frente dos trabalhos, mas eu sempre falei que aquilo só dava certo porque tem 400 pessoas atrás ajudando aquilo a acontecer. É na Comissão, é lá no Registro e Redação Parlamentar, é lá no pessoal da Secretaria Legislativa do Senado ou do Congresso, as várias estruturas que fazem com que aquele *show* aconteça do jeito que tem de acontecer.

E nós temos... Na verdade, você pediu para dar um conselho para o Danilo. O único aqui desta mesa que é pago para dar conselho é o Sabóia, que é Conselheiro (*Risos.*), mas, se eu fosse dar algum conselho, seria, sobretudo, para lembrar que nós temos dois papéis: um papel para os Senadores, para o Parlamento e para a sociedade, que é fazer com que aquilo tudo funcione dentro das regras e com um resultado satisfatório, mas você tem um papel de liderança, para com a sua equipe, que é muito relevante, aquilo só dá



certo porque tem uma equipe incrível por trás. É nesse papel de liderança que a gente tem sempre que pensar em cuidar das pessoas, acho que isso sempre foi uma tônica nossa.

Quando eu assumi, na sucessão da Claudia, a SGM já funcionava como um relógio e continua sendo assim, porque acho que a gente sempre teve o cuidado de pensar também nas pessoas, nas condições de trabalho, na seriedade e na excelência do trabalho que vem sendo feito aqui no Senado.

Mas já falei demais, vou parar por aqui, agradecendo a oportunidade.

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Era uma frase.

**O SR. LUIZ FERNANDO BANDEIRA DE MELLO FILHO** – Pois é, imagina. (*Risos.*)  
Imagina, vou parar por aqui.

Danilo, parabéns pela iniciativa maravilhosa que você teve. (*Palmas.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Obrigada. Parabéns, Bandeira.

Sabóia.

**O SR. GUSTAVO AFONSO SABÓIA VIEIRA** – Vou tentar ser mais sucinto, mas é difícil. É difícil, porque falar da Secretaria-Geral da Mesa, até comentei, já todo mundo comentou aqui sobre a história, mas é um órgão muito diferente. É um órgão que é, ao mesmo tempo, uma secretaria cartorária, que instrui processos, é uma assessoria jurídica, é um cerimonial, o que ninguém conta, mas, enfim, quando você senta na cadeira, descobre que tem que organizar a posse do Presidente da República. E com todos os detalhes e todos os desafios ali envolvidos. As sessões solenes, uma série de ritos, de detalhes, de significados presentes em várias sessões, tudo carrega um peso muito grande.

Em linha com o que a Claudia falou, eu costumava dizer para os servidores que o Senado é um lugar em que qualquer erro pode te colocar no Jornal Nacional. Qualquer vírgula errada, um descuido, se você trabalha no Judiciário, num órgão público, às vezes, passa despercebido, às vezes, você leva uma bronca do chefe. No Senado, você pode parar no Jornal Nacional, porque tudo importa. Não existe um trabalho que se faça na Secretaria-Geral da Mesa que seja desimportante. Tudo impacta na aprovação de uma lei, no final das contas, que vai impactar a vida de milhões de brasileiros e, por isso, é escrutinado. Por isso existe um holofote intenso em cada detalhe.

Mas o que me marca na Secretaria-Geral da Mesa são as pessoas. Na linha que todos falaram aqui, é o que torna isso possível. A Secretaria-Geral da Mesa não é um ente abstrato, não é uma organização etérea, são pessoas que fazem isso possível, que têm seus dramas, suas dificuldades, filho para criar, família, e colocam isso, de alguma forma, de lado, acomodam esses dramas para entregar esse trabalho, como a Claudia falou, de excelência. De excelência que é reconhecida.

Honra-me muito ter sido Secretário-Geral, não só pela natureza das funções desempenhadas, mas também pela história do cargo, pela história da Secretaria, que eu acho que se revela também na trajetória dos secretários-gerais. O pessoal, às vezes, comenta que o Secretário-Geral vira Ministro do TCU, assume uma posição relevante na iniciativa privada, mas é isso, é o relevo que as pessoas que estão aqui dão a esse cargo, o nível de excelência e de comprometimento que se tem.

Então agradeço, mais uma vez, a oportunidade, cumprimento, mais uma vez, o Danilo e os servidores pela participação. Sinto-me muito honrado e estou sempre à disposição. (*Palmas.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Muito obrigada. Parabéns também. (*Risos.*)

Danilo, por favor.

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Quando eu entrei na Secretária-Geral da Mesa, eu visitei todos os setores e repetia sempre a mesma frase. Eu



tinha várias fotos com a SGM, então eu enxergava a SGM no Plenário, enxergava a SGM na Comissão, mas somente entrando, eu entendi que é um filme. É um filme, porque começa lá na Secretaria do Senado, passa por todo o processo, nas Comissões, e vai terminar lá no Expediente. Mas também é uma metáfora para o que é a SGM. É um filme, um filme que está na metade, um filme que já tem muito enredo para trás, mas vai criar muita coisa para a frente e vai se estender por muitas décadas à frente.

Então, essa eu acho que é a esperança que a gente tem. É como a gente enxerga o Senado, é um processo. Na nossa marca de 80 anos, aquele oito ali é o processo, simboliza o infinito, que não acaba. E é isso que a gente espera da SGM, que não acabe e esteja sempre se renovando, para ser sempre essencial para o Brasil, para a democracia brasileira.

Essa é a mensagem que fica. (*Palmas.*)

**A SRA. ISABELA DUTRA** – Muito obrigada. Parabéns pela sua gestão!

Pessoal, finalizando então, foi uma honra ouvir essas histórias, ter todo esse aprendizado com vocês aqui hoje e perceber que a Secretaria-Geral da Mesa não é feita apenas de normas e procedimentos, como o Sabóia falou, mas de pessoas, de responsabilidades e, principalmente, de compromisso com a nossa instituição.

Celebrar 80 anos é reconhecer o trabalho de gerações que garantiram o funcionamento do Senado em momentos fáceis e também em momentos difíceis, sempre com seriedade e com dedicação.

Agradeço aos nossos convidados, demais, agradeço a todos que nos acompanharam nesta manhã e convido para os próximos eventos comemorativos dessa trajetória, que ainda tem muitos capítulos pela frente.

Muito obrigada a todos. (*Palmas.*)

**A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS** – Gostaria de registrar e agradecer a presença do Sr. Consultor-Geral Legislativo do Senado Federal, Paulo Henrique de Holanda; do Sr. Consultor-Geral de Orçamentos do Senado Federal, Flavio Diogo Luz; da Sra. Advogada-Geral do Senado Federal, Gabrielle Tatith Pereira; da Sra. Diretora da Secretaria de Comunicação do Senado Federal em exercício, a Glauciene Diniz; e do Sr. Diretor-Executivo do Instituto Legislativo Brasileiro, Nilo Amaro Bairros dos Santos.

Podem aplaudir. (*Palmas.*)

E, dando continuidade à programação, como forma de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao Senado Federal, procederemos à homenagem aos nossos debatedores.

Convidamos, para fazer a entrega das homenagens, o Sr. Secretário-Geral da Mesa, Danilo Aguiar. (*Pausa.*)

Convido a Sra. Claudia Lyra para receber a homenagem.

(*Procede-se à entrega da homenagem à Sra. Claudia Lyra.*) (*Palmas.*)

**A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS** – Convido o Sr. Luiz Fernando Bandeira para receber a homenagem.

(*Procede-se à entrega da homenagem ao Sr. Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho.*)  
(*Palmas.*)

**A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS** – Convido o Sr. Gustavo Sabóia, também, para receber a homenagem.

(*Procede-se à entrega da homenagem ao Sr. Gustavo Afonso Sabóia Vieira.*) (*Palmas.*)



**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Espero que consiga ver aqui a nossa homenagem ao Ministro Carreiro também, ao Secretário Carreiro. Vai ser entregue na primeira oportunidade, quem for lá já vai levar e vai entregar em mãos – viu, Ministro?

Um abraço.

Obrigado por tudo. (*Palmas.*)

**A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS** – Neste momento, eu convido a Sra. Claudia Lyra para realizar a entrega da homenagem ao atual Secretário-Geral da Mesa do Senado, Danilo Aguiar. (*Palmas.*)

**O SR. DANILO AUGUSTO BARBOZA DE AGUIAR** – Queria também homenagear a nossa MC (*Risos.*), a mediadora, e a Isabela Dutra.

(*Procede-se à entrega de flores à Sra. Isabela Dutra.*) (*Palmas.*)

**A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS** – Agradecemos a presença de todos e desejamos a todos uma boa tarde. (*Palmas.*)

(*Iniciada às 9 horas e 42 minutos, a reunião é encerrada às 12 horas e 04 minutos.*)